UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Efeitos de sentidos em sites de pesquisa:
condições de produção do discurso eletrônico**

Daiana de Oliveira Faria

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da
USP, como parte das exigências para a obtenção
do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Ribeirão Preto- SP

2012

DAIANA DE OLIVEIRA FARIA

**Efeitos de sentidos em sites de pesquisa:
condições de produção do discurso eletrônico**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão

Ribeirão Preto- SP

2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Faria, Daiana Oliveira de

Efeitos de sentidos em sites de pesquisa: condições de produção do discurso eletrônico Ribeirão Preto, 2010.

100 p.: il.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Romão, Lucília Maria Sousa.

1. Discurso – Análise do Discurso. 2. Internet. 3. Sites de Pesquisa.

FARIA, Daiana Oliveira de

Efeitos de sentidos em sites de pesquisa: condições de produção do discurso eletrônico

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da
USP, como parte das exigências para a obtenção
do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão (orientadora) **Instituição:** FFCLRP – USP

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias

Instituição: IEL - UNICAMP

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli

Instituição: FFCLRP – USP

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

*Dedico este trabalho aos meus pais,
Vicente e Maria José, que
acreditaram e possibilitaram a
chegada até aqui. Deixo aqui o meu
muito obrigada.*

AGRADECIMENTOS

À minha família, em particular a minha irmã, Mariana, que me move ao acreditar na relevância deste trabalho e ao tecer considerações e elogios sinceros.

Aos meus amigos que, de fato, são amigos de toda uma vida. Lidiane e Cássia, que fizeram parte da minha caminhada desde os primeiros traços, lá na pré-escola, e ainda hoje estão comigo, e ressalto aqui que são muitas as formas estar junto. Ou aqueles que cruzaram meus caminhos, também pela via do saber ao entraram nesta história pelo ambiente escolar: Allan, Natália, Bruna, Rafael. Também por essa via, mas já noutra etapa da vida, coloco Isabel, Carla e Adriana que fizeram parte do meu dia-a-dia durante a faculdade, nas viagens de retorno a casa que deixaram muitas histórias. Ou por outros espaços da vida, nesse caso o espaço da vizinhança, no qual encontrei, nas idas e vindas das rodas dos patins e das bicicletas, a Gabi, que logo fez parte também desta história.

À peculiar, eu diria, equipe de trabalho do e-l@dis. Digo peculiar, pois acredito que tamanho companheirismo e prazer diante das relações de trabalho, de estudo, de reflexões e de escrita são incomuns. Nesse espaço, fica de fato a sensação do fazer o que gosta e o que disso decorre: trabalhos primorosos e satisfação. E desse espaço, agradeço a todos pois, cada um a sua forma, possibilitou este trabalho, em especial, à Fernanda, pelas orientações em torno da teoria do discurso e dessa materialidade ainda tão estranha sobra a qual nos propomos a refletir: a *Internet*.

Ao Luiz, companheiro e presença especial em toda essa caminhada. Ao meu lado, apoiou este trabalho e tem feito comigo a nossa história.

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e a Universidade de São Paulo (USP) que proporcionaram a oportunidade de desenvolvimento desta pesquisa, desde a sua iniciação.

À Cristiane Dias que com seus escritos e reflexões ancorou teoricamente a proposta deste trabalho e que, com sua presença na banca, colaborou, de fato, para sua construção. Agradeço a presença e as considerações sempre colocadas de maneira gentil e profícua.

E por fim, à Lucília Romão, coloco o sentimento de gratidão e admiração que sempre ficam, que nunca se fecham... Esse efeito que me põe a caminhar, a ousar, e a continuar por entre os furos e os nós, na teoria e na materialidade que nos provocam.

[...] suspeitar o que escutar, portanto falar (e se calar) quer dizer [...]

ALTHUSSER, 1968

RESUMO

FARIA, D. O. **Efeitos de sentidos em sites de pesquisa: condições de produção do discurso eletrônico**. 2012. 100 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012.

Dadas as discursividades impulsionadas pela inserção das tecnologias de informação e comunicação (TIC's), em particular a *Internet*, pretendemos observar o funcionamento discursivo do buscador *Google*, considerando algumas das ferramentas oferecidas por este buscador. Isso posto, realizaremos busca em torno dos significantes “Dilma Rousseff” e “Marina Silva”, flagrando o jogo de atualização da memória discursiva sobre esses nomes, sobretudo no período que corresponde a campanha eleitoral de 2010. Para tanto, mobilizaremos os pressupostos conceituais da Análise do Discurso de matriz francesa, sobretudo a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, para interpretar os modos de produção, constituição e circulação do discurso com essa materialidade peculiar, que é o suporte eletrônico. Consideramos que tal materialidade se erige segundo condições de produção que vocifera e dá a ver o caráter rizomático do funcionamento da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Internet. Sites de Pesquisa.

ABSTRACT

FARIA, D. O. **Effects of senses on search sites: conditions of production of electronic discourse.** 2012. 100 p. Dissertation (Master) - Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2012.

Given the discourses driven by the insertion of information and communication technologies (ICTs), especially the Internet, we intend to observe the discursive functioning of the Google search engine, considering some of the tools offered by this search engine. That said, we will carry out search about the significants "Dilma Rousseff" and "Marina Silva", catching the game of memory discursive about these names, especially in the period corresponding to 2010 election campaign. For this purpose, will mobilize the conceptual assumptions of discourse analysis of the French headquarters, especially since the work of Michel Pecheux, to interpret the modes of production, creation and circulation of discourse peculiar to this materiality, which is the electronic media. We believe that such materiality is elevated under conditions of production that rages to do and gives the character of the rhizomatic functioning of the language.

KEYWORDS: Speech. Internet. Research Sites.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Página inicial de busca no Google sobre Dilma Rousseff em março de 2010	26
Figura 2: Mulheres em marcha no dia 8 de março de 1917	28
Figura 3: Logo comemorativo do <i>Google</i> no Brasil no dia 8 de março de 2011	29
Figura 4: Logotipo comemorativo do <i>Google</i> em outros países no dia 8 de março de 2011	29
Figura 5: Página do Fórum de Ajuda do <i>Google</i>	30
Figura 6: Pesquisa feita no <i>Google</i> sobre “dilha”, no dia 1º de janeiro de 2011	34
Figura 7: Pesquisa feita no <i>Google</i> sobre “dilha”, no dia 1º de janeiro de 2011	35
Figura 8: Tela de um vídeo disponível no <i>youtube</i> oriundo do movimento “Mulheres com Dilma”	38
Figura 9: Rizoma	43
Figura 10: Gráfico que mostra os principais provedores de acesso a Internet e sua conexões, em 1999	45
Figura 11: Tipos de rede	46
Figura 12: Mensagem de alerta do <i>Gmail</i>	47
Figura 13: Página de “Deus” no <i>twitter</i>	48
Figura 14: Jogadores diante do <i>Kinect</i>	51
Figura 15: Resultado da busca feita no <i>YouTube</i>	53
Figura 16: Página de produtos <i>Google</i>	54
Figura 17: Página inicial do Google	55
Figura 18: O que é um <i>snippet</i>	58
Figura 19: Logo-marca do site de pesquisa Google	62

Figura 20: Primeira página da pesquisa <i>Google</i>	64
Figura 21: Escritórios do <i>Google</i> espalhados pelo mundo	65
Figura 22: Funcionamento do Google Instantâneo antes da reformulação do layout da página de resultados	71
Figura 23: Funcionamento do Google Instantâneo depois da reformulação do layout da página de resultados	72
Figura 24: Página inicial do <i>Google</i> , com pesquisa feita sobre “Dilma Rousseff” ...	74
Figura 25: Página inicial de pesquisa do Google, com termos de pesquisa mais específicos	76
Figura 26: Página inicial de pesquisa do Google: especificando os termos de pesquisa	77
Figura 27: Exemplo do funcionamento da ferramenta Roda Mágica	80
Figura 28: Busca no Google utilizando a ferramenta Roda Mágica	83
Figura 29: Fórum de ajuda do Google com o tópico “Roda Mágica”	86

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	ANÁLISE DO DISCURSO	17
2.1	Análise do Discurso: influências e filiações	18
2.2	Base conceitual	26
3.	DISCURSO E INTERNET: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO ELETRÔNICO	40
4.	METODOLOGIA EM ANÁLISE DO DISCURSO E ANÁLISES DISCURSIVAS DO CORPUS	67
4.1	Metodologia em Análise do Discurso	68
4.2	Análises Discursivas do Corpus	70
4.2.1	Várias nomeações para Dilma	70
4.2.2	A roda mágica do <i>google</i>	80
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
	ANEXO	99

1 INTRODUÇÃO

BEATRIZ MILHAZES, *Popeye*, 2008, Acrylic on canvas

Perder-se também é caminho

Clarice Lispector

Sob a perspectiva da teoria de Análise do Discurso de matriz francesa, traçaremos reflexões em torno do funcionamento da linguagem nos sites de pesquisa¹, inferindo que eles nos dizem muito sobre os discursos promovidos na contemporaneidade. Nesse sentido, elegemos como sites de pesquisa a ser analisado o *Google*, por ser o buscador mais difundido entre os usuários. A partir disso, observamos que o *Google*, enquanto buscador mais utilizado, possui algumas especificidades, as quais estão intrinsecamente relacionadas com as marcas discursivas instauradas nesse espaço. As buscas realizadas giraram em torno de Dilma Rousseff e Marina Silva, nomes que já circularam em contextos peculiares da história do Brasil, ocupando posições de forte militância: a primeira nos movimentos de resistência a ditadura militar; e a segunda nos movimentos de contestação aos agravos sofridos pelos seringueiros. Além disso, ressaltamos que esses nomes estavam inseridos numa conjuntura política também peculiar: a campanha eleitoral de 2010 no Brasil foi cenário da primeira eleição democrática com mulheres, candidatas a presidência, potencialmente elegíveis. Por fim, durante nossas buscas, também pudemos observar que tais nomes, Dilma Rousseff e Marina Silva, estavam inscritos não somente na conjuntura de nosso país, mas em lugares de destaques na América Latina. Diante disso, inferimos que esses espaços nos quais observamos inscritos Dilma Rousseff e Marina Silva, enquanto sujeitos do discurso, promoveram a emergência de outros sentidos de/sobre o político. Nesse sentido, acreditamos que esses nomes promovem um funcionamento bastante peculiar da memória discursiva e instalam sentidos sobre a mulher no cenário atual da política brasileira. Por estarem inseridas em discursos carregados de historicidade, pretendemos observar como tais regiões de sentidos são atualizadas na contemporaneidade, sendo estratificadas ou deslocadas.

Para dar corpo ao nosso intento, nos ancoramos nos postulados teóricos da Análise do Discurso de matriz francesa, sobretudo a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux. A partir disso, traçamos no capítulo 2 uma reflexão em torno das influências e filiações dessa teoria, bem como de sua base conceitual.

Isso posto, o nosso objetivo é observar a discursividade instalada na contemporaneidade, elegendo como observatório o *Google*, como dito anteriormente. Julgamos que esse espaço outro de significação promove maneiras peculiares de produção, constituição e circulação dos sentidos, de inscrição do sujeito, de funcionamento da ideologia, de atualização da memória discursiva, enfim, das características decorrentes da linguagem em fluxo, em funcionamento. Nesse sentido, promoveremos uma discussão em torno das

¹ Trataremos como sinônimos as seguintes nomeações: sites de pesquisa, buscadores, sistemas de busca, sites de busca, motores de busca ou mecanismos de busca.

particularidades do espaço da Internet² e a sua relação com o discurso. Para tanto, julgamos necessário uma abordagem das condições de produção do discurso eletrônico, a qual será feita no capítulo 3.

Ao elegermos os sites de pesquisa enquanto objeto de análise propomos, ainda no capítulo 3, mostrar o funcionamento particular desse mecanismo para pensarmos, a partir daí, as condições de produção do discurso instaurado.

Por fim, vislumbramos nossas suspeitas nas análises discursivas dispostas no capítulo 4. Nesse, descrevemos o trajeto metodológico da pesquisa em Análise do Discurso e tecemos as análises discursivas. Na primeira análise, buscamos observar a maneira como os sentidos são antecipados pelo mecanismo de busca do *Google* Instantâneo, a partir da busca sobre Dilma Rousseff. Os recortes nos mostraram repetições e, ao mesmo tempo, rupturas na discursividade sobre, naquela altura, a candidata pelo PT à presidência da república. Para essa análise, recorreremos ao conceito de denominação, que não é próprio da análise do discurso pêncheuxtiana, mas que ancorou algumas de nossas assertivas. O processo de denominação foi evidenciado pelo mecanismo de auto-preenchimento do *Google* (o *Google* instantâneo), no qual pudemos observar que se trata de um processo que se dá por via histórica. Além disso, observamos como se dá a relação das denominações antecipadas pelo mecanismo de busca com as possíveis Formações Discursivas a elas relacionadas. Além disso, observamos nessa análise que as possibilidades de inscrição do Sujeito do Discurso são inúmeras e ocorrem tanto quanto (im)possíveis nas brechas da rede.

No segundo exercício de análise, tomamos como corpus trechos selecionados a partir de duas buscas realizadas no Google, a saber: uma sobre Dilma Rousseff e outra sobre Marina Silva. A partir daí, consideramos a forma de disposição dos resultados denominada Roda Mágica, ferramenta do mecanismo de busca que permite a disposição dos resultados sob a forma de um diagrama radial, propondo, entre eles, relações de possíveis associações. O intuito da ferramenta é auxiliar o internauta a descobrir termos mais específicos relacionados àquilo que ele deseja encontrar. Para essa análise, observamos Dilma Rousseff e Marina Silva enquanto sujeitos do discurso, a fim de observar o modo como foram discursivizadas na rede no período de campanha eleitoral, em 2010, como atualizaram redes de memória ou instauraram sentidos outros. Cabe ressaltar que a ferramenta ora elegida para análise, a Roda

² Ressalto que além do termo Internet, em alguns momentos também usarei o termos Rede e Rede Eletrônica, para fazer alusão a este espaço. Termos como *web*, *net*, *www*, *digital*, *eletrônico*, etc, não serão abordados, pois seria necessário fazer as devidas distinções que, ainda hoje, são controversas.

Mágica, já não se encontra mais disponível, ausência essa que nos diz sobre algumas características próprias da rede, que serão contempladas nesta análise.

Diante de nossas análises, observamos que, mais do que representar um novo suporte de informação, a *Internet* representa um modo outro de ser/estar na linguagem, instalando outras condições de produção do funcionamento dessa. Condições de produção que legitimam este espaço de significação e que por vezes afastam dele as suspeitas, as dúvidas, e instauram como verdadeiros os discursos ali promovidos.

2 ANÁLISE DO DISCURSO

BEATRIZ MILHAZES, *Yogurt*, 2008, Mixed media collage on paper

Mas o que é a língua separada do discurso? O anterior ao discurso é realmente a língua, ou não seria de preferência um discurso antecedente? A língua, simples repertório de conceitos isolados, separada do discurso (da fala) é uma abstração. A audácia de Saussure consiste em tratar essa abstração como uma matéria-prima. Não teria havido língua – para o linguista – se os homens não tivessem anteriormente discursado.
(Starobinski, 1974, p. 12)

2.1 Análise do Discurso: influências e filiações

Nascida na França, na conjuntura dos anos 60, a Análise do Discurso é concebida enquanto a “arte de refletir nos entremeios” (PÊCHEUX, 2002, p 7), teorizada por alguns como a “teoria da determinação histórica dos processos semânticos” (ZANDWAIS, 2009, p. 26), ou ainda enquanto uma teoria materialista do discurso. O que apreendemos dessas denominações para da teoria do discurso, bem como do objetivo central de seu projeto, proposto por Michel Pêcheux, é que é na linguagem que esta teoria encontra seu observatório fecundo do lingüístico atravessado pelo social, pelo histórico, pelo inconsciente e pelo ideológico.

Capilar a essa teoria, a ideia de condições de produção também pode ser pensada enquanto estruturante da própria teoria, na medida em que a conjuntura da época está diretamente relacionada a sua formulação. Nas palavras de Pêcheux, “o laço que une as ‘significações’ de um texto às suas condições sócio-históricas não é meramente secundário, mas constitutivo das próprias significações” (PÊCHEUX, et all, 2008, p.06). Pensemos então nas condições de produção da origem da teoria de Análise do Discurso.

No cenário histórico, temos na década de 60 uma Europa dividida, literalmente, pela conhecida “cortina de ferro”: a leste, sob o domínio da União Soviética, e a oeste, sob a influência dos Estados Unidos. Cabe ressaltar que eram esses dois países os principais responsáveis pelo desfecho da Segunda Guerra Mundial. No âmbito econômico, a Europa passa por um momento de crise e é subsidiada pela URSS através do Conselho de Assistência Mútua, a leste, e o oeste pelos EUA, por meio do plano Marshall.

Tem-se uma nova ordem mundial, marcada por disputas políticas e econômicas entre esses dois modelos antagônicos e também influenciada, no campo bélico, pelo fenômeno chamado corrida armamentista. Nesse contexto, o poder bélico representava possibilidade de hegemonia para os EUA ou para a URSS.

É nessa conjuntura que movimentos sociais insurgem de todos os lados: mulheres, estudantes, operários unem-se e lutam pelos direitos de seus grupos. É nesse contexto que se dá o chamado maio de 68. Marcado por uma greve geral, ocorrida em 22 de maio de 1968, o momento representa a inquietude social diante dos agravos ocorridos principalmente no que tange as questões trabalhistas. Organizada pela CGT (Confederação Geral do Trabalho) a greve contou com a participação de cerca de 10 milhões de trabalhadores franceses que se mobilizaram e pararam suas atividades, realizando manifestações e protestos em busca de melhores condições de trabalho e outras reivindicações.

Diante do exposto, vemos que a década de 60, os chamados “anos rebeldes”, foi marcada por confrontos, contestações e contradições. Diante dessa conjuntura, inquietudes irrompem a partir de diversos atores sociais, merecendo destaque, no âmbito deste trabalho, os intelectuais. Tem-se, na conjuntura intelectual, um conglomerado de ideias e movimentos que propunham mudanças e rupturas. É nesse sentido que surge a teoria de Análise do Discurso (AD), como uma proposta de ruptura com os esquemas rígidos existentes, no que diz respeito aos estudos da linguagem, que eram representados pelo estruturalismo vigente na década de 50. Ao falarmos em estruturalismo, remetemo-nos a um dos pilares da AD, sobretudo a partir dos trabalhos de Ferdinand Saussure. Considerado como o principal teórico que deu à linguagem o estatuto científico, Saussure fundamentou os campos da fonologia, sintaxe, morfologia e semântica, sendo que é nessa última que Pêcheux encontra uma abertura para propor os estudos dos sentidos. Em seu “Curso de Linguística Geral”, alunos de Saussure compilam suas ideias acerca do estruturalismo, que conforme Garvin

[...] não é uma teoria nem um método; é um ponto de vista epistemológico. Parte da observação de que todo conceito num dado sistema é determinado por todos os outros conceitos do mesmo sistema, e nada significa por si próprio. Só se torna inequívoco, quando integrado no sistema, na estrutura de que faz parte e onde tem lugar definido. (...) Para o estruturalista, há uma inter-relação entre os dados, ou fatos e os pressupostos filosóficos, em vez de uma dependência unilateral. Daí se segue que não se trata de buscar um método exclusivo, que seja o único correto, mas que, ao contrário, o material dita a procura do método. (...) O estruturalismo procura integrar os fatos num feixe de relações que ponha em evidência a sua inequivocidade dentro de uma superordenação e de uma ordenação. Numa palavra, a estrutura global é mais do que a sùmula mecânica das propriedades dos seus componentes, pois determina propriedades novas (GARVIN, 1963 *apud* GREGOLIN, 2004, p. 23-24).

Ou seja, concebido no seio do estruturalismo vigente, o estudo dos sentidos das palavras, proposto pela semântica, pautava-se apenas na relação entre as palavras, inseridas num sistema, numa estrutura. “Para os gramáticos e neo-gramáticos, a semântica estava reduzida ao estudo da mudança de sentido das palavras” (PÊCHEUX, et al, 2008, p.02). Nesse momento, o que se referia a “sentido” não passava de uma noção de valor das palavras, ou seja, uma palavra vale aquilo que outras ao seu redor não são. Pregava-se uma relação de valor entre as palavras e a possibilidade de significação das palavras por elas próprias, ou seja, “as unidades [as palavras] existem somente pela coesão do sistema das oposições e das relações”, o que “[...] estrutura permanentemente o sistema das unidades significantes que só

podem se manter por elas” (PÊCHEUX, et all, 2008, p.03). Em “A semântica e o corte saussuriano”, Pêcheux coloca em xeque essa concepção:

Ora, se considerarmos, por exemplo, o domínio da política e da produção científica, constataremos que as palavras podem mudar de sentido segundo as posições determinadas por aqueles que as empregam. [...] Com efeito, é um indício que mostra que as coisas não são assim tão simples quanto faria supor a idéia de uma diferenciação em subsistemas. Tudo se passa como se a correspondência entre teoria geral e estudo particular de uma dada língua desaparecesse no nível semântico (PÊCHEUX, et all, 2008, p.05).

Ou seja, Pêcheux (et all) nos alerta para o risco de não haver uma correspondência entre a teoria geral, no caso representada pelo Curso de Linguística Geral tal como foi publicado em sua primeira versão, e o estudos particulares de determinadas línguas em funcionamento. É como se as particularidades da linguagem em fluxo desaparecessem no nível semântico. Como podemos ver na citação a seguir:

Certamente, “semânticas gerais” foram propostas, mas elas não fornecem quase nada de princípios que permitam depreender as particularidades das línguas, ou dos estados de língua, etc, como é o caso da fonologia, da morfologia ou da sintaxe. Existem, por outro lado, descrições semânticas de diversas línguas, mas são descrições que permanecem sem ligação com as teorias. Se elas permanecem em grande parte desligadas de descrições concretas das línguas, as semânticas gerais nem por isso se libertam de todos “dados concretos” (PÊCHEUX, et all, 2008, p.05 e 06).

Mas não se pode deixar de atribuir a devida importância à contribuição de Saussure para os estudos da linguagem e, conseqüentemente, para a Análise do Discurso. Como dito anteriormente, foram as teorizações saussurianas que deram caráter científico ao signo. O Curso de Linguística Geral (1916) postula formulações sobre o sistema linguístico, promovendo a difusão da ideia de estrutura e de cientificidade do signo. Para Saussure, “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas (SAUSSURE, 1916 *apud* PÊCHEUX, 1997, p.12). E pensando na importância da base linguística, mas não deixando de considerar o atravessamento dessa pelo ideológico e pelo histórico, cabe

[...] destacar a importância dos estudos linguísticos sobre a relação enunciado/enunciação, pela qual “o sujeito falante” toma posição em

relação às representações de que ele é o suporte, desde que essas representações se encontrem realizadas por um “pré-construído” lingüisticamente analisável. É sem dúvida por essa questão, ligada à da sintagmatização das substituições características de uma formação discursiva, que a contribuição da teoria do discurso ao estudo das formações ideológicas (e à teoria das ideologias) pode atualmente se desenvolver mais proveitosamente (PÊCHEUX, et all, 2008, p.05 e 06).

Contudo, sendo um dos pilares estruturantes da AD, a linguística representa a base necessária para o exercício de análise discursiva, e deve ser pensada na sua relação com a história, com o ideológico e com o inconsciente, fatores que constituem a linguagem em funcionamento. Pensando nesses fatores, remetemo-nos aos outros dois pilares da AD: o materialismo histórico e o inconsciente lacaniano.

Teorizada por alguns como a “teoria materialista do discurso”, a AD encontra subsídios no materialismo histórico para fundamentar a noção de que os sentidos não são indiferentes a matéria significante.

as condições materiais de existência dos homens determinam as formas de sua consciência, sem que as duas jamais coincidam; ou ainda, dizendo que os homens fazem a história, mas não a história que eles querem ou acreditam fazer, etc. Tudo isso exprimia muito bem que “os homens” estão determinados, na História, a pensar e a fazer livremente o que não podem deixar de fazer e pensar, e sempre através da eterna repetição de uma *evidência descritiva* [...] (PÊCHEUX, 1997, p. 295)

Sabemos que a AD tem como objeto de estudo o discurso que, segundo Orlandi (2007), representa a matéria específica da ideologia. E, segundo Pêcheux, a linguagem é a materialidade do discurso, ou seja, ela materializa, especifica a existência do simbólico Pêcheux (1990). É nesse sentido que se fala do trabalho da história, dizendo que esta se manifesta nas mais diversas formas de existência do invisível, como vemos abaixo, dentre elas a linguagem.

A existência do invisível e da ausência está estruturalmente inscrita nas formas lingüísticas da negação, do hipotético, das diferentes modalidades que expressam um ‘desejo’, etc.no jogo variável das formas que permutam o presente com o passado e o futuro, a constatação assertiva com o imperativo da ordem e a falta de asserção do infinitivo, a coincidência enunciativa do pronome *eu* com o irrealizado *nós* e a alteridade do *ele (ela)* e do *eles (elas)*... Através das estruturas que lhes são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está” e o “nunca estará” da percepção imediata: nela se inscreve assim a

eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível (PÊCHEUX, 1990, p. 08).

Ou seja, a relação entre sociedade e história é objeto e estudo pelo materialismo. É com a filiação da AD a esta matriz epistemológica e, por conseguinte à Marx e à Althusser, que vemos como se constrói o papel da história, do político, da sociedade e da ideologia no funcionamento da linguagem. No que diz respeito as práticas ideológicas, podemos dizer que são

reguladas por rituais nos quais as práticas se inscrevem no seio da existência de um aparelho ideológico, mesmo que seja uma mínima parte deste aparelho: uma pequena missa em uma pequena igreja, um enterro, um pequeno jogo em uma sociedade esportiva, um dia de aula em uma escola, uma reunião ou um encontro de um partido político, etc. (ALTHUSSER, 1938, *apud* PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Ainda pensando na concepção de ideologia, a partir de umas de suas principais influencias, na AD ela pode ser concebida da seguinte forma:

Na ideologia, os homens expressam, com efeito, não as suas relações nas suas condições de existência, mas a maneira como vivem a sua relação às suas condições de existência: o que impõe, ao mesmo tempo, relação real e relação “vivida”, “imaginária”. A ideologia é, então, a expressão da relação dos homens com seu “mundo”, isto é, a unidade (sobredeterminada) da sua relação real e da sua relação imaginária com as condições de existência reais (ALTHUSSER, 1979, p.206-207).

Pêcheux coloca que é na linguagem, ou melhor, na discursividade, que essas relações podem ser observadas na medida em que irrompem, sob a forma de resistência:

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

E de que maneira o inconsciente é elemento constitutivo disso tudo? Sendo um dos três pilares da AD, o inconsciente de Freud lido por Lacan é peça fundamental do quadro de

referências para compor a noção de discurso. E, para pensarmos o papel do inconsciente, é possível destacar a célebre colocação feita por Pêcheux:

De acordo com Pêcheux (1983/1995), “só há causa daquilo que falha (J. Lacan). É nesse ponto preciso que ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura: o que falta é essa causa, na medida em que ela se ‘manifesta’ incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho, etc.). no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido/nonsense do sujeito dividido. Nesse caso, as falhas, no ritual de interpelação ideológica, indiciam um sujeito dividido, que se manifesta por lapsos e atos falhos, por meio dos quais resiste” (SCHONS, 2009, p. 181).

E partindo desse imbricamento entre o estruturalismo, representado pela linguística saussuriana, o materialismo histórico, representado pelas releituras de Althusser em torno da obra de Karl Marx e o inconsciente freudiano, relido por Lacan, Pêcheux traça sua trajetória, propondo aproximações, deslocamentos e rupturas com estas três disciplinas. Em 1966, temos publicado um dos primeiros escritos de Pêcheux, na *Les Cahiers Pour l'Analyse*, intitulado “Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e especialmente da psicologia social”. Sob o pseudônimo de Thomas Hebert, Pêcheux traz à tona reflexões mais voltadas para questões epistemológicas.

questiona o modo como as Ciências Sociais, que deveriam debruçar-se, de forma permanente, sobre “questões de fronteira”, dialogando com outras áreas de conhecimento, interagem com a teoria – sobretudo a Filosofia – de modo a legitimar uma concepção de ciência neutra (id., p. 142) e, em consequência, cega às relações de desigualdade social que permeiam as condições de produção das práticas teóricas, técnicas, políticas, sociais, ideológicas, etc. (ZANDWAIS, 2009, p. 14).

Em 1967, ainda sob o pseudônimo de Thomas Hebert, Pêcheux publica o texto intitulado “Teoria geral das ideologias”. Nesse, a relação sujeito, ideologia e sentido é posta, ainda que de maneira incipiente. Em 1969 há a publicação do texto intitulado “Análise Automática do Discurso” (AAD 69), crucial na trajetória de Pêcheux. Com ela, vemos uma teoria insurgir com certa autonomia que lhe é merecida no campo da linguística. Podemos dizer que o AAD é o laboratório da teoria de Análise do Discurso, pois Pêcheux incita discussões importantes sobre a base lingüística, necessária ao discurso, e o processo

discursivo. Nas palavras de Zandwais (2009, p.22), ele busca mostrar que “língua e discurso tem materialidades distintas”.

Podemos dizer que é no projeto AAD 69 que a contribuição da linguística estrutural se faz deveras presente, sobretudo a partir dos trabalhos de Ferdinand Saussure e Zellig Harris. Nesse estágio da teoria, Pêcheux e seu grupo ainda acreditavam na possibilidade de levar acabo as idéias saussurianas e harrissirianas, e propunham isso na forma de um *software* e de uma máquina, a chamada AAD 69, operacional a partir de 1971. A contribuição da linguística estrutural no projeto da AAD 69 residia no seguinte aspecto:

[...] o apoio estratégico sobre o estruturalismo linguístico estava claramente reivindicado: se era o caso de analisar o “discurso inconsciente” das ideologias, linguística estrutural, ciência moderna da época, aparecia como o meio científico privilegiado de uma mudança de terreno (PÊCHEUX, 1981³ In ORLANDI, 2011, p. 277).

De acordo com Pêcheux, a AAD 69 consistia, basicamente, em restituir algo da estrutura presente na série dos efeitos dos discursos. O que parece uma utopia já considerava os efeitos ideológicos e discursivos da linguagem em funcionamento, mas acreditava-se na possibilidade de se retornar a estrutura empírica, lógica, unívoca, por meio do computador, ou seja, um esforço para que a linguística moderna, ora vigente, fosse levada a sério (Ibidem). No início da década de 70, ocorre a publicação do “Semântica e Discurso”, que representa o estágio mais maduro e fortalecido da teoria fundada por Pêcheux, a Análise do Discurso.

Podemos dizer que, em fins dos anos 70 e começo da década de 80, Pêcheux lança-se a outros pontos de partidas para a teoria e fundamenta, com suas reflexões, a ponte entre ideologia, discurso e subjetividade. Ou seja, quase quinze anos depois, Pêcheux repensa os aspectos filosóficos, sócio-históricos, linguísticos e informáticos que a AAD 69 trazia a tona. Ao propor essa retomada crítica, ele observa a diferença entre variação da forma (sintática e lexical) e variação do sentido, ou seja, um deslocamento da linguística estruturalista para pensar o discursivo, porque há uma diferença.

[...] as ambiguidades, metáforas e deslizamentos próprios às línguas naturais são propriedades incontornáveis do campo da análise de discurso, que se diferencia por essa razão mesma de toda perspectiva estritamente informacional, documentária ou “intelectiva”. Um corpus de arquivo textual não é um “banco de dados” (Ibidem, p. 281).

³ Texto originalmente publicado em *Actes du Congrès international: “informatique et sciences humaines”*, Liège, LASLA, 1981. Tradução de Cristiane Dias in ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011. p. 275-282.

O autor ainda coloca que

[...] os procedimentos da AAD 69 ficam distantes de um acordo, quanto a apreensão deste jogo entre o mesmo e o outro, que caracteriza a heterogeneidade contraditória de todo campo de arquivo [...] os procedimentos da AAD 69 ficam bem mais próximos do que eu poderia supor na época das evidências empírico-lógicas da leitura. Ainda uma vez: o equívoco da relação com Harris! (Ibidem).

E é justamente essa ilusão de que a linguagem é algo empírico e dotado de lógica que é posta em cheque com a Análise do Discurso. “[...] é bom lembrar que, historicamente, esta problemática se formou (naquilo que concerne à França) em torno da questão da ideologia, e em particular da questão da leitura dos discursos ideológicos” (Ibidem, p. 276). Tal problemática representava uma questão polêmica para a época, década de 50 e 60, na medida em que as vertentes teóricas dominantes se condensavam diante das formas do estruturalismo. E passando a duvidar do próprio projeto da AAD 69, Pêcheux retoma Althusser:

É desde Freud, [escrevia Louis Althusser no início de *Ler o Capital*], que nós começamos a suspeitar o que escutar, portanto falar (e se calar) quer dizer; que o “quer dizer” do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade assinalável de um duplo-fundo, o “quer dizer” do discurso do inconsciente – este duplo fundo que a linguística moderna, nos mecanismos da linguagem, pensa os efeitos e condições formais (ALTHUSSER, 1968, p.14-15 *apud* PÊCHEUX, 1981 *in* ORLANDI, 2011, p. 277).

Assim, vemos nascer e se desenrolar a Análise do Discurso através da mobilização de vários campos do saber, como uma ciência interdisciplinar, que se construiu a partir de diálogos de campos epistemológicos que se entremeavam não apenas na teoria, mas no cotidiano de reivindicações dos anos 60.

Com a linguística ficamos sabendo que a língua não é transparente; ela tem sua ordem marcada por uma materialidade que lhe é própria. Com o marxismo ficamos sabendo que a história tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente. Finalmente, com a psicanálise é o sujeito que se coloca como tendo sua opacidade: ele não é transparente nem para si mesmo. [...] a análise do discurso pressupõe a psicanálise, a linguística e o marxismo. E os pressupõe na medida em que se constitui da relação de três regiões científicas: a da teoria da ideologia, a da teoria da sintaxe e da enunciação, e a teoria do discurso como determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso atravessada por uma teoria psicanalítica do sujeito (ORLANDI, 2006).

A partir do exposto, vimos que a AD apoiou-se na lingüística saussureana para buscar subsídios que fundamentem a noção de opacidade da língua, na psicanálise freudiana (e depois na re-leitura lacaniana de Freud) para fundamentar a opacidade do sujeito e, por fim, na releitura althusseriana da teoria marxista para propor a materialidade histórica das relações que sustentam e determinam o discurso.

2.2 Base conceitual

A espinha dorsal da base conceitual da AD é a noção de discurso, que pode ser compreendido como o objeto teórico da AD. Ao falarmos em objeto, propomos um deslocamento: não pensamos o discurso enquanto objeto primeiro ou empírico, mas sim como lugar teórico em que se imbricam questões sobre a língua, a história e o sujeito (MALDIDIER, 2003, p. 15). É no nível discursivo, ou seja, no discurso, que vemos a linguagem funcionar, observando como são imbricados os conceitos da AD. A ideia que sustenta a noção de discurso pode ser pensada a partir da própria palavra discurso, que nos traz ideia de “curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2003, p. 15). Ao que diria Pêcheux (1981 in ORLANDI, 2011), é no espaço incerto em que língua e história se encontram que a Análise de Discurso encontra seu direito de cidadania. Espaço incerto, o discurso, que encontra materialidade na língua, ou melhor, em seu funcionamento, como podemos observar na figura abaixo:

Figura 1: Página inicial de busca no Google sobre Dilma Rousseff em março de 2010

No recorte acima, por exemplo, ressaltamos o funcionamento discursivo do significante ditadura, como uma das opções possíveis de busca sobre Dilma Rousseff. Mais que um fato histórico do nosso país, no nível discursivo somos levados a pensar e indagar: mas o que foi a ditadura no Brasil? Quais as consequências? Porque ditadura apareceu associada à Dilma Rousseff? O que significa uma figura feminina nesse contexto? Questões que fazem sentidos se pensadas no seio da história.

Como vimos, é no nível discursivo que história deixa de ser apenas cronologia, linha do tempo, evolução. No discurso, a história clama por interpretação. Pêcheux nos diz de um caráter fantasmagórico do papel da história: “figura fantástica do espírito dos mortos, que retorna para perseguir os vivos: imagens de corpos gloriosos, convertidos em visões terríficas de fantasmas-espantalhos atravessando a história” (PÊCHEUX, 1990, p. 08). Com a metáfora dos fantasmas, o autor coloca que os discursos atravessam a história e sempre retornam para perseguir os discursos vigentes. Aqui vemos a importância da história e da ideologia, que se fazem constitutivas e se colocam onipresentes no funcionamento da linguagem. Esse caráter fantasmagórico remete ao já-la, ao já-dito, ou seja, a memória discursiva que representa os fios sócio-histórico-ideológicos que permeiam todo dizer e retornam, sempre, na forma de um pré-construído, mesmo que seja para deslocá-lo.

Diante disso, anotamos, ainda na figura 1, como uma única palavra é carregada de historicidade e como a história é constitutiva do discurso, como a história está imbricada nesse. Uma história, como dito anteriormente, “não como fatos e datas, como evolução e cronologia, mas como significância, ou seja, como trama de sentidos, pelos modos como eles são produzidos” (ORLANDI, 1996, p. 76-77). Nesse caso no cerne do período da ditadura militar no Brasil, isto é, essas foram as condições de produção específicas desses sentidos. É nesse sentido que a AD pode ser pensada como a “teoria da determinação histórica dos processos semânticos” (ZANDWAIS, 2009, p. 26). Cabe ressaltar: “uma história não linear, não homogênea, não contínua no centro dos processos de significação que são produzidos pelos discursos em determinadas condições de produção” (Ibidem). Tais condições de produção sustentam a produção de sentidos; esses, por sua vez, significam os discursos por meio das práticas sociais e das relações de poder, o que ocorre em sentidos migrantes e dispersos, refutando a ideia de univocidade dos sentidos e transparência da linguagem. Ao mobilizarmos a noção de condições de produção, remetemo-nos a um conceito da AD que nos diz do contexto da enunciação. Nesse sentido,

As condições de produção incluem, pois os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo. Se separamos contexto imediato e contexto em sentido amplo é para fins de explicação, na prática não podemos dissociar um do outro, ou seja, em toda situação de linguagem, esses contextos funcionam conjuntamente (ORLANDI, 2006, p.15).

A seguir, trazemos um exemplo de como podemos interpretar o funcionamento discursivo da noção de condições de produção. No dia 8 de março de 2011 comemorávamos, no Brasil, o carnaval. Porém, sabemos que internacionalmente essa é a data marcada por uma manifestação maciça das mulheres, na Rússia de 1917, reivindicando melhores condições de vida e de trabalho, além de se posicionarem contra a entrada do país na Primeira Guerra Mundial, como podemos observar na figura a seguir.

Figura 2: Mulheres em marcha no dia 8 de março de 1917.

Fonte: <<http://www.mulheresnopoder.com.br/>>

Em outros países que não possuíam condições de produções particulares, o *dodlle* do *Google* prestava homenagem ao Dia Internacional da Mulher. Anotamos, ainda, que os sentidos de/sobre carnaval inscrevem um modo de estar no político, visto que reforçam o que é dominante, legitimado, regularizado pelo efeito de repetição e saturação. Com isso, podemos dizer também que as condições de produção de um discurso podem ser entendidas como a ação das relações de força no interior do discurso, que sustentam e determinam o que deve aparecer, ser dito e circular, nesse caso, na Internet. Fazendo parte da exterioridade constitutiva, as condições de produção influenciam os processos que constituem o discurso e mantêm uma relação necessária com os atos de dizer. Apesar disso, podemos observar no recorte abaixo como um sujeito, que é movente, mesmo inserido no contexto do Brasil, pode instaurar sentidos de estranhamento com relação ao *Doodle* com tema carnavalesco:

Figura 5: Página do Fórum de Ajuda do Google. **Fonte:**

<<http://www.google.com/support/forum/p/web%20search/thread?tid=4ddfe647272d3c9a&hl=pt-BR>>

Neste fórum do *Google* destacamos os seguintes dizeres:

[RafaelCon](#): “Vcs se esqueceram q hj é dia Internacional da mulher? Na pagina inicial do Google só ta lembrando q hj é Carnaval.”

[Camila Fitz \(funcionária do Google\)](#): Olá RafaelCon,

Obrigada pelo lembrete! Muito bem lembrado!

Na verdade o Doodle sobre o dia internacional da mulher está visível desta vez somente em alguns países como Hong Kong, Índia, Taiwan e Austrália.

Veja na referência 1 o Doodle do Dia Internacional da Mulher no Google de Hong Kong!

Um abraço,

Camila.

Referências:

[1] Google Hong Kong (Web)

www.google.com.hk

Observamos que, enquanto sujeito do discurso, RafaelCon tinha acesso ao arquivo que versava sobre o Dia Internacional da Mulher e, diante do silenciamento desse na página inicial do *Google* nesse dia, instaurou sentidos de estranhamento, insatisfação e pôde dizê-los. Vemos, assim, como o silêncio promove certos sentidos e como o sujeito pode migrar entre regiões de sentidos diferentes.

Ao enunciarmos, ocupamos uma determinada posição no discurso, a qual é determinada pelas condições de produção que, como vimos, compreende os aspectos sociais, históricos e ideológicos que constituem o contexto da enunciação, ou seja, as palavras do sujeito promovem sentidos de acordo com o contexto no qual são produzidas. Cabe ressaltar que as noções de movimento e deslocamento fundamentam a concepção de sujeito como lugar discursivo tomado para que, a partir daí, haja a possibilidade de inscrição e posterior enunciação, levando em conta que esse lugar não é sempre o mesmo, visto que o sujeito pode migrar de uma posição a outra. Ao que diria Mariani (1998), é o sujeito que, ao ocupar uma posição, faz a língua entrar em funcionamento, funcionamento esse atravessado pela história, pela ideologia e, ainda, pelo inconsciente. Tudo isso

implica dizer que o sujeito não é a causa, origem ou ponto de partida do enunciado, nem tampouco possui uma intenção significativa. É, ao contrário, um lugar vazio que pode ser ocupado por diferentes sujeitos definindo-se pelas regularidades e dispersões, entre o mesmo e o diferente, no interior da história (MILANEZ *apud* ROMÃO; GASPARI, 2008, p. 191).

Ou seja, vemos que, no nível discursivo, a ideia de sujeito não nos remete ao sujeito empírico, ser humano individualizado, passível de generalizações ou categorizações, mas sim ao sujeito de/à linguagem, ou seja, como uma posição no discurso (PÊCHEUX, 1969), sendo oriundo da relação com a linguagem, a história e a ideologia que permeia seus dizeres. Considerando a ideologia enquanto “prática significante”, podemos dizer que ela “aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2003, p. 48). Na AD, a partir de sua filiação aos pressupostos Althusserianos, ela é caracterizada como

um sistema (possuindo a sua lógica e o seu rigor próprios) de representações (imagens, mitos, idéias ou conceitos segundo o caso) dotado de uma existência e de um papel históricos no seio de uma sociedade dada[...] (ALTHUSSER, 1963, p. 204).

Por meio do processo denominado por interpelação ideológica, a ideologia entra em funcionamento tornando evidente o sentido de certas palavras e apagando outros, indicando ser uma formulação a mais exata possível, deixando as demais na sombra do esquecimento. É um elemento constitutivo da prática discursiva, uma vez que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (PÊCHEUX, 1997, p. 92).

é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem” aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, *op. cit.*, p. 160)

Percebemos que o trabalho atuante da ideologia na linguagem é concebido sob a modalidade da divisão, do cindido, ou seja, uma ideologia não é idêntica a si mesma e não se efetiva a não ser não ser no movimento de contradição com que ela regula as práticas discursivas. Ou seja, pensamos a ideologia, sobretudo, sob a ótica da contradição de dois mundos em um só (PÊCHEUX, 1977 *apud* MALDIDIER, 1990).

Nesse sentido, o processo de interpelação ideológica ocorre para o sujeito do/no discurso de maneira inconsciente, de tal forma que o sujeito não se dá conta e não possui controle algum disso, na medida em que, nesse momento, faz-se presente a ação dos dois esquecimentos definidos por Pêcheux, que serão abordados mais adiante. Por hora, cabe

ressaltar que o processo de interpelação ideológica deve ser pensado a partir da linguagem e não sociologicamente, compreendido não como visão de mundo, mas como estrutura do processo de significação. Também entendida como mecanismo que produz certas evidências para o sujeito e não outras, disponibilizando ou interditando regiões de dizer, a ideologia contempla as regiões permitidas e proibidas de dizer, evidenciando um efeito de realidade supostamente desambigüizada (MARIANI, 1998), estabilizada, fiel e objetiva, silenciando outras formas de dizer e relatar. É como se determinasse o que pode e deve ser dito dentro de uma formação social, representando um conjunto complexo de atitudes e de representações relacionadas às posições de classe postas em conflito no discurso. A formação ideológica possibilita ao sujeito inscrever-se em uma dada região de sentidos e faz parecer evidente que assim o seja, deixando esquecidas muitas outras possibilidades de dizer.

Diante de tais mecanismos, vemos um sujeito que constrói seu dizer inscrevendo sentidos já ditos em outros contextos sócio-históricos e, sendo heterogêneo, a voz do(s) outro(s) é constitutiva de seu dizer, o que nos mostra mais uma vez que não existe um discurso homogêneo nem tampouco um sujeito que seja uno, fonte dos dizeres e dos sentidos que promove. Cindido, enfeixado por vários dizeres e implicado por vozes anteriores, o sujeito pode ou não marcar a presença do outro em seu dizer. Segundo Authier-Revuz, “no fio de um discurso produzido por um único locutor há certo número de formas lingüísticas que podem ser apreendidas ao nível da frase ou do discurso que inscrevem na linearidade o outro” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 257).

A autora postula que o outro é constitutivo da linguagem e da voz do sujeito. Considerando que não existe um discurso homogêneo ou uno e que a emergência do sujeito na linguagem não significa que ele seja a origem e fonte dos sentidos e dos dizeres, segundo a autora, existe um eterno atravessamento e a inevitável presença do outro no discurso do sujeito. Essa noção de heterogeneidade é definida pela autora de duas formas: a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. A primeira, a heterogeneidade mostrada, inscreve essa presença do outro no discurso a partir de manifestações explícitas de alteridade, nesse caso, ela pode ser marcada e não-marcada. A forma marcada é da ordem da enunciação, visível na materialidade lingüística e pode ser vista através de citações realizadas na ordem direta no discurso, como podemos ver na figura 6. Já a forma não-marcada é da ordem do discurso, sendo caracterizada como a diluição da fala do outro em sua fala, como o discurso indireto livre e a ironia, que faz com que a presença da alteridade não seja revelada de forma explícita no discurso.

No recorte que se segue (figura 6), observamos uma reprodução do que supostamente havia sido dito por Dilma que funciona discursivamente como a mostrar *in lócus* a voz desse sujeito na posição de presidenciável. O uso do verbo *dicendi*, diz que, afirma que algo allheio à voz do editor do texto foi inserido, fazendo valer o efeito de que o dizer de Dilma foi este, óbvio e naturalizado como verdadeiro.

Figura 6: Pesquisa feita no Google sobre “dilma”, no dia 1º de janeiro de 2011. **Fonte:** <www.google.com.br>.

Já a segunda forma de heterogeneidade, a constitutiva, não é marcada em superfície e sua alteridade não é revelada, permanecendo no plano interdiscursivo, caracterizando-se como o processo constitutivo da própria formação discursiva, como podemos observar no trecho destacado a seguir:

Figura 7: Pesquisa feita no Google sobre “dilma”, no dia 1º de janeiro de 2011.

Fonte: <www.google.com.br>.

Considerando que algo fala antes do sujeito falar e que as palavras são carregadas de sentidos sociais ditos em outros contextos, a AD postula que o sujeito é sempre atravessado pelo dizer do outro, pelo já-dito e já-lá (Pêcheux, 1999), mesmo que apague isso no momento da enunciação. A esse apagamento damos o nome de silêncio (ORLANDI, 1992), “silêncio-tagarela”, ao que diria Pêcheux (1990), na medida em que nos referimos a um silêncio que fala, que significa, não somente nas entrelinhas, mas naquilo que de fato não foi dito. Silêncio que possui um caráter ideológico constitutivo, observado muitas vezes nas entrelinhas dos enunciados, mas também naquilo que não foi dito e nem sequer sinalizado em forma de implícitos, silenciado, ressaltando que o silenciamento de determinados sentidos em determinados contextos representa um aspecto ideológico. A esse respeito, Orlandi coloca que o silêncio “atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz”, propondo, dessa forma, que “há silêncio nas palavras [...] elas produzem silêncio; o silêncio ‘fala’ por elas; elas silenciam” (ORLANDI, 1992, p. 14).

Um conceito estreitamente relacionado com as noções de sujeito e de silêncio, é o de esquecimento, definido por PÊCHEUX (1969) como esquecimento número um e número dois. O primeiro diz respeito à ilusão de o sujeito se colocar como a fonte dos sentidos, de pensar que ele é a origem do que diz, como se suas palavras nascessem no momento em que

são ditas, quando já vimos que ele retoma e rearticula sentidos já ditos em outros contextos, atualizando o trabalho histórico dos sentidos, mesmo que seja num movimento de deslocamento, de resistência. Trata-se de uma ilusão necessária para que o sujeito enuncie; sendo assim, trata-se da condição de ser sujeito, isto é, do resultado da interpelação da ideologia em seu dizer. Já o esquecimento número 2 é da ordem da enunciação e nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal maneira que acreditamos que o que foi dito só podia ser dito com aquelas palavras e não com outras. Esse processo cria um efeito de clareza, completude e evidência, fazendo o sujeito se esquecer de que, ao falar, o faz de uma maneira, apagando outras e, assim, deixando de dizer de outros modos tantos. Nas palavras de Pêcheux,

Concordamos em chamar esquecimento nº 2 ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, no sistema de enunciados, formas e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase – um enunciado, forma ou seqüência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia formulá-lo na formação discursiva considerada. (PÊCHEUX, 1988, p. 173)

Como vimos, a noção de sujeito pode ser observada com o funcionamento das formações discursivas (FD) postas em cena no interior do discurso. Em suma, podemos entender por FD as regularidades entre os enunciados, regiões de sentidos comuns, partilhadas em diferentes cenas de enunciação. Com a ideia de FD, vemos como os dizeres são determinados por disputas pelo poder, tramadas na conjuntura sócio-histórica, isto é, na trama das formações sociais nas quais estão postos os lugares de poder a serem (ou não) ocupados e permitidos de ocupar. Isso tem relação com o trabalho atuante da ideologia do qual já falamos, compreendido aqui enquanto Formação Ideológica (FI). A FI caracteriza o complexo do que pode e deve ser dito dentro de uma posição, ou seja, o que possibilita ao sujeito inscrever-se em uma dada formação discursiva e não em outra, representando a

conversão do indivíduo em sujeito pela interpelação (captura) deste como sujeito de uma formação social, e que se reconhece como sujeito pelas práticas que o interpelam no interior das formações ideológicas, as quais se referendam através de uma ou outra formação discursiva a que estão ligadas (ZANDWAIS, 2009, p. 25).

Nesse sentido, os sujeitos, ao serem fisgados pela ideologia, produzem seus discursos ancorando-se na memória discursiva que, marcada sócio-historicamente se manifesta em uma FD (PÊCHEUX, 1999). Assim, podemos dizer que a FD põe em cena, na trama do discurso,

os dizeres que podem e que devem ser enunciados a partir da posição-sujeito que nela se ancora, ou seja:

os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes. [...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (PÊCHEUX, 1997, p. 214).

Com base nisso, temos que o conjunto de FD's constitui o elemento chamado memória discursiva. Compreendida não como traço cognitivo, nem como cronologia histórica, a memória discursiva apresenta-se como possibilidade do dizível, ou seja, como o saber que garante que “ao falarmos, nossas palavras façam sentidos” (ORLANDI in PÊCHEUX, 1999, p. 64). Esta noção nos mostra a relação entre os discursos, as retomadas e rupturas de discursos outros no interior do discurso em formulação e a relação da língua com a história. Representa a base do já-dito, do repetível, retomando os sentidos já postos em curso na história ou deslocando-os rumo a outros sentidos, instaurando discursos outros.

Cabe ressaltar aqui que repetir não é reproduzir, e que diferença também se faz na repetição, conforme nos diz Courtine e Marandin (1981, p. 28), “se repetem, ou melhor, há repetições que fazem discursos”. As relações de partilha ou rupturas entre os discursos é o que proporciona a particularidade de cada discurso, ou seja, as formulações dos enunciados fazem falar o conjunto de formulações já feitas, significando de maneira particular as redes de memória, rompendo-as, retomando-as, cristalizando e atualizando sentidos já ditos (ORLANDI e RODRIGUES, 2006). Tal particularidade é chamada de intradiscurso, que é o singular no interior de um enunciado que se deu com base na memória discursiva.

Tudo isso nos põe diante da matéria constitutiva da linguagem, de um saber discursivo construído sócio-histórico-ideologicamente, o que implica dizer que não há discurso sem memória, e uma memória sempre retomada, deslocada e atualizada a cada dizer. Segundo Orlandi (2005, p. 31), a memória discursiva é o “que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. Compreendendo a noção de pré-construído como um enunciado simples, oriundo de discursos já instaurados, que servirá de base para a inscrição de um outro discurso. Segundo Pêcheux, “esse efeito de pré-construído consistiria numa discrepância pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado ‘antes, em outro lugar,

independentemente” (PÊCHEUX, 1997, p. 156), sendo um efeito ideológico, como podemos ver no trecho destacado abaixo:

Figura 8: Tela de um vídeo disponível no youtube oriundo do movimento “Mulheres com Dilma”
< <http://www.mulherescomdilha.com.br/>>

Fonte: <<http://www.youtube.com/watch?v=7BG3dRS6-Hk&feature=feedf>>

Para pensar a noção de pré-construído, trazemos o recorte acima, no qual podemos observar um pressuposto de que mulher não vota em mulher, o que é um efeito ideológico que pode encontrar raízes e fundamentos (questionáveis), na história. Aqui podemos tocar também a noção de formações imaginárias. Inferimos que o sujeito navegador “Dilmanarede”, responsável pela postagem do vídeo, representa um sujeito do discurso e, a partir de sua posição antecipa a posição de seu interlocutor, inferindo que este possa acreditar que mulher não vota em mulher. A contramão também é válida, o sujeito interlocutor imaginiza esse sujeito, Dilmanarede, segundo as condições de produção nas quais está inserido. Pêcheux (1969) sistematiza estas noções da seguinte forma:

la (a)	la (b)	la (r)
lb (b)	lb (a)	lb (r)

I: imagem**b:** interlocutor**a:** sujeito**r:** referente (objeto do discurso)

Observamos que várias antecipações imaginárias são colocadas em cena com este esquema proposto por Pêcheux, representando a trama complexa do discurso, sempre perpassada por aspectos sociais, históricos e ideológicos. Neste esquema, podemos observar as seguintes antecipações: a imagem que o sujeito faz de si; a imagem que o sujeito faz de seu interlocutor; e a imagem que o sujeito faz do objeto do discurso. E, em contrapartida: a imagem que o interlocutor tem de si; a imagem que o interlocutor tem de quem lhe fala; e a imagem que o interlocutor tem do objeto do discurso. Cabe ressaltar que todas essas relações devem ser pensadas enquanto uma trama na qual a ideologia se faz onipresente e entra, deveras, em funcionamento na linguagem. Como vimos, ideologia, para a AD, é entendida como um mecanismo de naturalização dos sentidos, fazendo com que o sujeito confirme ou refute determinados sentidos, filie-se, ou não, a determinadas FD's, enfim, são aspectos ideológicos que incitam os movimentos do sujeito e dos sentidos no discurso, perpassados também pelo sócio-histórico.

Diante do exposto, tudo isso deve ser compreendido no âmbito da exterioridade constitutiva da linguagem. A AD vem romper com a dicotomia de ou se está dentro ou se está fora da linguagem. Assim, as ações entre a língua, a história, a ideologia e o inconsciente são permanentemente de movimento, de deslocamento ou retomada, de cristalização ou refutação, num constante jogo entre o contexto imediato e o contexto amplo.

Feitas essas considerações a respeito do arcabouço teórico da Análise do Discurso, trazemos no próximo capítulo uma discussão sobre o funcionamento da linguagem na Internet. Partindo disso, pretendemos lançar luz às reflexões sobre o discurso eletrônico, sobre as condições de produção da contemporaneidade e, em particular, sobre a materialidade da Internet.

3 DISCURSO E INTERNET: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO ELETRÔNICO

BEATRIZ MILHAZES, FIG (FIGO), 2006, Silkscreen and woodblock

[...] outra maneira de viajar e também de se mover, partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar [...] É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. [...] riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.
(DELEUZE e GUATARRI, 1995)

Consideramos que as tecnologias, amplificadas pelo suporte eletrônico, instalam outros modos de produção, constituição e circulação dos sentidos (ORLANDI, 2005),

Embora inseparáveis [esses três momentos da produção de sentidos], podemos dizer que quando pensamos a prática do discurso eletrônico, tomamos como ângulo de entrada a circulação dos sentidos, pensando os outros dois momentos através deste.

O modo de circulação dos sentidos no discurso eletrônico nos faz pensar que, pela sua especificidade, produz consequências sobre a função-autor e o efeito-leitor que ele produz. E estas consequências estão diretamente ligadas à natureza da memória a que estes sentidos se filiam. E, certamente, à materialidade significativa de seus meios (ORLANDI, 2010, p.8).

Isso provoca o nosso olhar na direção de indagar sobre o sujeito discursivo, a interpelação ideológica, o trabalho da memória discursiva e, sobretudo, as movências de sentidos nos arquivos discursivos tramados na teia digital. Pensando nas implicações sociais do funcionamento da linguagem, a AD concebe a linguagem a partir da sua relação com a história, apostando na historicidade dos dizeres e questionando a transparência (ilusória) da linguagem. Ao falarmos em historicidade dos dizeres, condições de produção do discurso, cabe colocarmos o fato de que as Tecnologias de Informação e Comunicação (as chamadas TIC's) constituem-se, enquanto um dos pilares da contemporaneidade, como sendo no ciberespaço elemento propulsor de grande parte das relações sociais e, sobretudo, a partir do funcionamento da Internet.

Originada no Departamento de Defesa Norte Americano - *Defense Advanced Research Projects Agency* (Darp), em fins da década de 60, início dos anos 70, foi denominada, a princípio, *Arpanet* e servia aos interesses militares, proporcionando a comunicação entre aqueles que participavam de projetos militares em toda a América. Vemos que, nesse início, a *Arpanet* era uma rede restrita, com interesses e objetivos definidos. Na década de 70, universidades e outras instituições, que faziam trabalhos relativos à defesa, adquiriram permissão para se conectar à ARPANET. Em 1975, já havia aproximadamente 100 sites. Buscando o aprimoramento da rede, a ARPANET muda seu antigo protocolo de comunicação, NCP, para um novo protocolo chamado TCP/IP (*Transfer Control Protocol/Internet Protocol*). A partir dessa fase, a Internet já começa a se esboçar com a cara que a vemos hoje. O marco de acesso e difusão da Internet se deu, de fato, no início dos anos 90, estágio denominado hoje como *web 1.0* ou primeira geração digital. Nessa época, a

Internet se configurava como um repositório de informações, sem muita interatividade. Foi nesse momento que ela adentra o Brasil, especificamente em janeiro de 1991, a partir de uma parceria entre a FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo) e o *Fermilab*, laboratório de física de altas energias especializado no estudo de partículas atômicas, sediado na cidade de Batavia, estado de Illinois, nos Estados Unidos. Passados alguns anos,

No fim dos anos 1990, a popularização da web potencializou o modelo de comunicação muitos-muitos e, com o passar dos anos, o aumento da diversidade de ferramentas de publicação e edição de conteúdo on-line de fácil manuseio foi um dos contribuintes para o aumento da quantidade de informações na web (AMARAL, 2009, p.3).

Um dos fatores que contribui para o *boom* da Internet foi o uso dos recursos de hipertexto. Criado em 1990, por Timothy John Berners-Lee, no Centro Europeu de Investigação Nuclear (CERN), o hipertexto representou a linguagem que possibilitou a disseminação popular e pública da Internet, visto que tal mecanismo representa um dos principais componentes que estruturam a grande teia mundial: uma espécie de texto multi-dimensional, que permite que, em uma página, trechos de texto intercalem-se com referências a outras páginas, ou seja, a rede possibilita o estabelecimento de laços com outros textos fora do documento original. Ao clicarmos com o mouse em uma dessas referências, vemos que a página atual é substituída pela página referenciada.

Diante do hipertexto, a imagem que tínhamos do elemento textual como uma unidade com começo, meio e fim, coeso e coerentemente estruturado, construída historicamente ao longo dos anos (MITTMANN, 2009), já questionada pela teoria discursiva, encontra outro modo de funcionar, visto que o hipertexto se constitui numa topologia rizomática, própria da rede. Ao que define Barreto (2007), a lógica do hipertexto promove “um percurso de passos delirantes, sem destino certo ou explicações fáceis; um percorrer de labirintos de medusas entrelaçadas”. Prestemos atenção nas palavras desse autor, que não se trata de **um labirinto** apenas, mas de **labirintos**, no plural, que se entrelaçam. Quando o autor usa a metáfora de medusas entrelaçadas, somos remetidos a uma imagem que parece pertinente para representar a forma da rede. Com essa forma peculiar, ao promover um percurso vagante e livre, o hipertexto incita incertezas; os textos entrelaçados e direcionados ao infinito, não respondem e sim apontam, direcionam, e fazem isso sem uma pré-definição (BARRETO, 2007). Segundo Levy,

A abordagem mais simples do hipertexto [...] não exclui nem os sons nem as imagens, é a de descrevê-lo, por oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O hipertexto seria constituído de nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e de ligações entre esses nós (referências, notas, indicadores, 'botões' que efetuam a passagem de um nó a outro) (LÉVY, 1996, p. 44).

A esse respeito, Kastrup (2004) propõe pensar a rede enquanto a própria figura empírica da ontologia do presente, porém na forma de um rizoma, que, mais do que representar forma, o rizoma representa a própria condição de existência da rede, como vemos a seguir.

Figura 9: Rizoma

Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/_TsGwqpRf1b8/S-a9Y4q3-YI/AAAAAAAAAJ8/yTw52WI4c30/s1600/rizoma.jpg>

Ao falarmos em rizoma, podemos nos remeter a um conceito próprio de uma das sub-áreas da biologia, a botânica, na qual um rizoma representa um tipo de caule com raízes subterrâneas que absorvem o alimento. No âmbito da filosofia, o rizoma é o modelo epistemológico teorizado por Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1995). Nesse âmbito, uma conjuntura rizomática considera o heterogêneo como forma de expressão da multiplicidade, que se manifesta, por sua vez, na ordem de uma proliferação, de uma ramificação, tal qual o rizoma na botânica, ilustrado na figura 9. Nesse sentido, ao considerar as multiplicidades como forma de expressão do ser, podemos pensar em partes como todo em si, ou seja, partes constitutivas do ser que possuem totalidade por si mesmas ao serem formas de expressão de singularidades.

Ao pensarmos a rede diante da metáfora do rizoma (botânica) e dos pressupostos filosóficos supracitados (Deleuze e Guatarri), acreditamos que tal concepção contribui com as reflexões da presente pesquisa na medida em que desconstrói linearidades (que a metáfora do labirinto pode evocar) e dicotomias, propondo uma estrutura não-hierárquica de trajetos e possibilidades variados (ARAÚJO, 2005, p.192). Nas palavras de Deleuze e Guatarri, podemos pensar o rizoma como um mapa, nos seguintes moldes:

o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas (DELEUZE-GUATTARI, 1995, p.21).

Ao percorrermos a obra supracitada, vislumbramos na materialidade própria da rede, como tais pressupostos são pertinentes, uma vez que aspectos como mudança, metamorfose, múltiplas entradas, multiplicidade, são estruturantes de seu próprio funcionamento. E ao nos ancorarmos na perspectiva da AD pècheuxtiana, também vislumbramos aproximações. Deleuze fala em “performance”, ao pensar o rizoma como mapa, ressalta que “um mapa é uma questão de performance” (op. cit, p.21), e aí vemos a abertura do simbólico e a inscrição do sujeito, tal como postula a AD, ou seja, apostamos na assertiva de que a imagem rizomática da rede se dá, sobretudo, a partir das múltiplas possibilidades de inscrições do sujeito no/do discurso, cindido e movente, nesse ardiloso espaço de significação que é a Internet. E, ao que diria Deleuze, “há o melhor e o pior no rizoma” (Ibidem, p.14), o que, ao

Ainda pensando na questão da forma, como vimos, um rizoma não possui limites definidos, não é uma forma, antes disso, é condição de existência de uma forma que se configura rizomaticamente (Ididem). “A rede é uma encarnação, uma versão empírica e atualizada do rizoma” (Ibidem, p. 84).

Cabe colocar que já existia na literatura científica, na década de 60, pressupostos do que temos hoje enquanto estrutura da rede. Em 1962, temos publicado o artigo de Paul Baran (*On distributed communications networks*), que dispõe, na página 4, modelos de representação de tipos de rede, dentre as quais já consta um tipo de rede descentralizada e outra, ainda mais próximo do que temos hoje, distribuída.

Figura 11: Tipos de rede, extraída do artigo “*On distributed communications network*” de Paul Baran.

Hoje, podemos dizer que a *Internet* se configura como conexão desses três tipos de rede já proposto por Baran. É com todas essas características, elencadas até aqui, que se configura o estágio da Internet no qual nos encontramos hoje, denominado *Web 2.0*, termo proposto por volta de 2003 por um empresário da área de mídia, o norte-americano Tim O’Reilly, dono da *O’Reilly*, editora de livros e revistas e também promotora de conferências e

serviços *on-line* (CAMPOS, 2007). A *Web 2.0* é definida como um conjunto de “tendências econômicas, sociais e tecnológicas que coletivamente fundam a próxima geração da Internet – uma mídia mais madura e distintiva, caracterizada pela participação dos usuários, abertura, e efeitos de rede” (MUSSER *et al.*, 2007, p. 5). Para Dias, segundo Joel de Rosnay (2008),

passamos, com a web 2.0, web participativa, na qual os usuários criam o conteúdo, como os blogs, os sites de música, vídeos, trocas, da tecnologia da informação e da comunicação (TIC) para a tecnologia da relação (TR). Essa Tecnologia da Relação, para o autor, cria um “ecossistema informacional” a partir do qual nos relacionamos (DIAS, 2011, p.15).

Nesse estágio, a Internet se configura não só como uma via de mão-dupla, como já podia ser observado mesmo que timidamente no estágio anterior, mas como um rizoma, tal como vimos, representando, com essa forma, o que Rosnay teorizou a respeito de um “ecossistema informacional”. Ainda segundo DIAS (Ibidem)

O que esse autor [Joel de Rosnay] chama de “ecossistema informacional” é também o ambiente cotidiano no qual circulamos, composto de objetos que se comunicam entre si. A televisão e o controle remoto, o carro com seu alarme, trava elétrica, o celular e seu chip, o DVD e seu controle, o notebook, netbook, câmera digital, interfonos, senhas bancárias, cartões de crédito, GPS, etc. São sistemas eletrônicos. É o eletrônico determinando a relação do sujeito com o mundo, no mundo, no espaço (Ibidem, p.16).

No recorte a seguir trazemos um pequeno exemplo da interação entre o eletrônico e o humano, uma das características da rede.

Figura 12: Mensagem de alerta do *Gmail*, dada na tentativa de envio de uma mensagem com a palavra “anexo” sem nenhum arquivo anexado.

Hoje, na *Internet*, além de vermos altos índices de difusão, de acesso, de participação, de interação, observamos também que grande parte das relações sociais são perpassadas, de alguma forma, pela Internet, pelo *on-line*. Sendo considerada como um dos principais motores das relações sociais na contemporaneidade, nessa sociedade que se configura diversificada e heterogênea. Conforme Castells,

A internet é o tecido de nossa vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. Ademais, à medida que novas tecnologias de geração e distribuição de energia tornaram possível a fábrica e a grande corporação como os fundamentos organizacionais da sociedade industrial, a Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede (CASTELLS, 2003, p. 7).

Figura 13: Twitter de “Deus”. Fonte: <<http://twitter.com/#!/Ocriador>>

Nesse recorte, extraído do *twitter*, rede social de grande adesão entre os navegadores, vemos, com comicidade, o estatuto que o *On-line* tem adquirido, estando entre umas das características divinas de Deus, “o criador”, algo no mínimo curioso, tendo em vista a grande influência do cristianismo, discursivizado aqui num efeito de atualização da memória discursiva. Existe uma necessidade de estar conectado, o tempo todo, a ponto de tornar recorrentes expressões como: digito, logo existo; *twitto* logo existo; entre outras. Marcamos que as condições de produção da contemporaneidade incitam o deslocamento de paradigmas em termos de escrita, de leitura, de inscrição do sujeito. Um grande exemplo, em termos de escrita, é a grafia do internetês, linguagem própria da Internet, ou seja, forma de escrita que encontra na contemporaneidade condições de produção para que ela se constitua dessa forma particular.

O que não se leva em consideração, entretanto, quando se pensa a grafia do internetês é o modo de funcionamento da língua no espaço discursivo da Internet, que tem a ver com a velocidade, com a linguagem de programação, que se constitui a partir de tecnologias numéricas e que por isso se diferencia radicalmente das técnicas da escrita tradicional, alfabética. Assim como nas condições de produção da escrita na época do papiro a “tecnologia da escrita” era outra, com sua temporalidade própria e suas condições de produção específicas (DIAS, 2008, p. 27).

No que tange à inscrição do sujeito, como falarmos em subjetividade na era das redes? Para buscar respostas para tal questão, inferimos que uma manifestação simbólica se dá sempre a conhecer na ordem do real, ou seja, na ordem do impossível. Ainda segundo a autora, esse modo outro de grafia se erige a partir do real da língua, do real da história e, ainda, do real do corpo, momento no qual a autora diz de “corpografia”. Assim, estamos diante de

uma manifestação cultural da língua inserida numa discursividade que é a da tecnologia. Sendo assim, obviamente que concebida fora dessa cultura do teclado, da cultura digital, essa escrita não encontra ancoragem nos meios onde impera a ‘paranóia institucionalizada’ (Pêcheux e Gadet, 2004) (DIAS, 2008, p. 18).

A autora supracitada encontra em Deleuze (1988) um aparato teórico que contempla o que, na AD, chamamos por real, o real da língua, o real da história, nesse caso, Dias completa o real do corpo também. O conceito de simulacro entra nessa teorização como aquilo que transborda, que vai além do representável, que ultrapassa a ordem do possível na representação e que diz de “uma resistência à língua fechada em uma estrutura, que a faz transbordar, dando assim lugar ao simulacro da língua” (DIAS, 2008, p. 32). Cabe aqui também a definição do conceito de simulacro nas palavras próprias de Deleuze: “sistema em que o diferente se refere ao diferente por meio da própria diferença” (DELEUZE, 1988, p. 437).

Contudo, vemos que outros paradigmas se estabelecem, um deles é o paradigma da sociedade em rede (CASTELLS, 2002). Segundo Romão, esse espaço outro de funcionamento da linguagem

inscreve novas condições de produção, constituição e circulação dos dizeres, a saber, desfronteirizando as palavras dos sujeitos. Promove-se, assim, um espaço fluído de movências, empréstimos e identificações, levando o sujeito ora a enunciar como se a palavra do outro fosse absolutamente sua, ora como se a sua palavra fosse não

apenas sua e, assim, estrangeira para si mesmo (ROMÃO, 2008, p. 110-111).

Cabe ressaltar que a Internet “exige do leitor posicionamentos diante daquilo que ele percebe como construção discursiva de um efeito de verdade” (MITTMANN, 2008, p. 1), o que clama por res-significações diante dessas discursividades outras.

Discutir fatores relativos à internet significa, portanto, discutir as diferentes redes ali presentes: a rede do texto, como materialização lingüística do discurso, cujo efeito de bordas se complica diante do hipertexto; a rede do discurso, feito de fios de outros discursos, heterogêneo e contraditório; a rede de formações constituída de conflitos, confrontos, alianças, entrecruzamentos de formações ideológicas e formações discursivas, com a fortificação, o enfraquecimento ou, até mesmo, o esfacelamento de bordas; a rede da memória, esburacada pelos acontecimentos discursivos ou reafirmada pelas instituições, permitindo interpretar ou impedindo a interpretação. (MITTMANN, 2008, p. 3)

E mesmo diante dessa já exorbitante inserção/extensão da Internet e das TIC's na vida das pessoas, sabemos que a evolução tecnológica não pára e já ouvimos falar num novo estágio da Internet, a *Web 3.0*. Pesquisadores da área de TIC's no Brasil já apostam, para o futuro, numa Internet inteligente, e pesquisas a este respeito já vêm sendo desenvolvidas⁴.

Vislumbra-se, para essa nova etapa da Internet, que as relações entre os sistemas digitais, as relações entre o sistema e o usuário e as relações entre os próprios usuários sejam intensificadas e otimizadas, por meio de agentes virtuais inteligentes, capazes de reagir às ações dos internautas⁵. Tudo isso será desenvolvido com técnicas de inteligência artificial. E já vemos fortes indícios dessas técnicas funcionando em outros sistemas eletrônicos, tais como *video-games* e simuladores. O *kinect* é um exemplo de sistema eletrônico que responde às reações dos jogadores, e reage às elas também. O *kinect* é um acessório da *Microsoft* para um de seus *consoles*, o *XBOX 360*, *video-game* de última geração. Com o *kinect* o jogador é

⁴ Como exemplo, citamos os projetos do pesquisador Flávio Soares Corrêa da Silva, disponíveis nos seguintes sites:

- <<http://lidetjamsession.wordpress.com/>>
- <<http://www.bv.fapesp.br/pesquisa/index.php?index=pessoa&lang=pt&q=F1%C3%A1vio%20Soares%20Corr%C3%AAa%20da%20Silva>>

⁵ Em entrevista à Revista Pesquisa FAPESP, o pesquisador supracitado, nos diz que “De uma forma simplificada, a JamSession [plataforma de programação] é uma plataforma que utiliza conceitos e técnicas de inteligência artificial, em que os sistemas recebem e processam informações de forma autônoma ou quase que “raciocinam” sozinhos e passam a fornecer soluções, para integrar recursos digitais preexistentes, como softwares e games, e produzir novos resultados que podem aprimorar a interação do sujeito navegador com o computador”.

capaz de interagir com o *game* sem sequer precisar de um *joy-stick*. Segundo definição disposta no *site* do produto:

“Jogar sem controles significa usar o corpo todo. Kinect responde a todos seus movimentos. Se você quer chutar algo, então chute. Se você precisa pular, então pule.”

“Kinect para Xbox 360 traz vida aos jogos e a diversão de uma maneira extraordinária e sem controles. Imagine controlar filmes e músicas apenas com as mãos ou com sua voz. Com Kinect, a tecnologia evapora, deixando brotar a magia natural que existe dentro de cada um.”

Figura 14: Jogadores diante do Kinect **Fonte:** <<http://www.xbox.com/pt-br/kinect>>

É com essas condições de produção que se dá o discurso eletrônico. E, ao traçarmos análises sobre esta materialidade específica, ressaltamos que

[...] o dispositivo analítico terá sua forma afetada pela natureza do material signifiante: não se analisa da mesma maneira um texto verbal e uma estátua, ou uma pintura, etc. Isto é a abertura do simbólico e esta abertura deve ser levada em conta pelo analista, respeitando as diferentes materialidades significantes com que trabalha. Assim também com o discurso eletrônico, ou mais geralmente, o digital, em sua materialidade específica (ORLANDI, 2010, p.8).

É a partir disso que ressaltamos que

[...] a AD trabalha não só com as formas abstratas mas com as formas materiais da linguagem. E todo processo de produção de sentidos se constitui em uma materialidade que lhe é própria. Assim, a significância não se estabelece na indiferença dos materiais que a constituem, ao contrário, é na prática material significante que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando particularmente (ORLANDI, 1995, p. 35).

Tecemos nossas reflexões, em torno da rede eletrônica, partindo dessas assertivas postas por Orlandi e pensadas, sobretudo, desde o início da teoria proposta por Pêcheux. Acreditamos que antes de pensarmos os efeitos de sentidos promovidos, as inscrições e movimentos do sujeito, a atualização, ruptura ou deslocamento da memória discursiva, enfim, antes de pensarmos todos esses aspectos postos no fluxo histórico da linguagem, pensemos com especial atenção a materialidade discursiva que é específica desse espaço de significação sobre o qual nos debruçamos: a Internet. Diante disso, colocamos alguns questionamentos: como pensar, então, a forma material da rede? Como o material da rede produz sentidos, inscreve sujeitos? Entre outros.

Ao nos erigirmos sob a ótica da AD, uma teoria materialista dos processos de produção de sentidos, julgamos as reflexões em torno da materialidade discursiva capilares ao desenvolvimento de nossa pesquisa. Tal concepção evoca, necessariamente, a exterioridade do dizer, tendo em vista que “o exterior de um discurso deve ser pensado não como um além de uma fronteira, mas como um aqui, sem fronteiras assinaláveis, como a presença-ausência, eficácia do outro dentro do mesmo sentido” (PÊCHEUX 1981, p. 199). Essa noção capilar aos estudos em AD parte de sua filiação a alguns dos postulados teorizados por Karl Marx, no que tange ao materialismo histórico, principalmente, concebendo-o enquanto teoria das (trans)formações sociais.

Do ponto de vista do materialismo histórico, Pêcheux trabalha a história, não “como puro efeito imaginário”, mas como lugar contraditório em que se materializam os equívocos, pontos que afetam a univocidade lingüística do sujeito, levando o sujeito ao encontro do real histórico. “A irrupção do equívoco”, diz Pêcheux, “afeta o real da história [...] o equívoco aparece como o ponto onde o impossível (lingüístico) vem se conjugar à contradição (histórica); o ponto onde a língua toca a história” [PÊCHEUX, 1981, p. 62] (MARIANI, 2003, p. 60).

É a partir dessa tensa contradição que pensamos o espaço peculiar de significação que é a Internet. Vimos que, em qualquer ato de linguagem, podemos observar o histórico e o ideológico irromperem provocando os deslizos, os equívocos. Diante disso, apostamos na

assertiva de que essas relações contraditórias entre língua, história e sujeito (perpassados pelo ideológico) são ainda mais vociferadas na rede eletrônica, espaço que (des)integra a contradição como condição de produção própria dos discursos ali instaurados. Contradições estas materializadas em várias características desse espaço, tais como: o mito da facilidade de acesso, que instaura a ilusão de que a rede está aí para todos; o mito da total disponibilização de qualquer tipo de conteúdo, promovendo a ilusão de que os traços da censura, da hierarquia social, são nesse espaço diluídos; o mito da completude, que nos faz acreditar que nesse espaço se cabe tudo; o mito da proteção da identidade, diante do qual acreditamos estar isentos de culpa, protegidos pela tela do computador; enfim, são vários os equívocos provocados pela atuante contradição desse espaço que é a Internet e, em particular, a partir dos sites de busca, que constitui nosso objeto de análise.

No recorte abaixo, vemos sinais que podem atualizar sentidos de interdição na rede, espaço onde os sentidos de liberdade são massivamente difundidos, interdição essa imposta pelo *Google*, mecanismo de busca do *YouTube*, sem que saibamos o porquê e da onde partiu.

Figura 15: Resultado da busca feita no *YouTube* sobre “medidor de trafego egito”

Ao sabermos da intensidade do acesso à rede no período de manifestações populares ocorridas no primeiro semestre de 2011, no Egito, e da possibilidade de medir esse acesso a partir de um medidor de tráfego, buscamos por isso no *YouTube*, inferindo que houvesse um

vídeo a respeito. A busca foi feita com as seguintes palavras: “medidor de trafego egito”. Notem que, no trecho destacado do resultado, as palavras “trafego egito” foram riscadas e a palavra “velocidade” foi (im)posta. Sabemos que pode não haver nada a respeito do que foi procurado no site, mas havia outras possibilidades de aparição dos resultados e de sugestões, contudo, o mecanismo de busca trouxe apenas vídeos relativos a “medidor de velocidade”.

Outros resultados acerca do Egito poderiam ter aparecido, mesmo não sendo com as palavras exatas “medidor de trafego egito”, mas os sentidos sobre o país foi totalmente silenciado. Até onde sabemos, são algoritmos que promovem o *ranking* de resultados, muitas vezes esses algoritmos são baseados nas próprias buscas realizadas pelos usuários, e, a partir da alta recorrência de alguns termos, infere-se que estes são os únicos termos acerca dos quais os usuários podem querer saber. No nosso caso, fomos forçadas a querer saber sobre “medidor de velocidade”. Se foi efeito de uma técnica (identificação, por parte de algoritmos, da alta ocorrência de busca sobre medidor de velocidade) ou se, de fato, foi uma interdição, não saberemos. Essa incerteza configura outra contradição da rede: sabe-se tudo de tudo ou nada de nada? Ressalto que o foco de nosso trabalho são os sites de pesquisa, em particular o *Google* e que, no caso da análise acima, assinalo para o fato de que o *YouTube* é um dos produtos do *Google*, como podemos ver destacado abaixo, e utiliza de seus mecanismos para realizar as buscas.

Figura 16: Página de produtos *Google*. Fonte: <<http://www.google.com.br/intl/pt-BR/options/>>

Ao falarmos em produto, observando a figura 16, pelo funcionamento da memória discursiva, historicamente esse significante, produto, faz falar algo criado no chão da fábrica. Com o significante produto somos remetidos aos sentidos de produção, fabricação, fábrica, indústria. Tais sentidos são, a partir das condições de produção da contemporaneidade, deslocados para também se inserirem no discurso eletrônico. Os produtos do *Google*, nesse caso, marcam outra forma de inscrição do significante produto, faz falar dos produtos digitais, que possuem condições de produção específicas e atualizam regiões de sentidos outras, tais como os sentidos sobre (i)materialidade própria da rede, entre outros.

A partir do exposto, elegemos como objeto de análise os sites de busca, em particular o *Google*.

Figura 17: Página inicial do *Google* <www.google.com.br>

Como vimos, também conhecidos por várias outras nomeações⁶, os buscadores são *sites* especializados que permitem ao usuário localizar páginas da *web*, possibilitando a busca por conteúdos, vídeos, imagens, entre outros.

⁶ Buscador; sistemas, motores, sites ou mecanismos de busca ou de pesquisa.

Esses mecanismos são nomeados de várias formas – quais sejam: sites, sistemas, motores ou mecanismos de **busca** ou de **pesquisa**, ou ainda **buscador** – diante das quais chamamos a atenção para o significante **busca**. Esse significante encerra sentidos de falta, de algo que precisa ser tamponado, de lacunas a serem preenchidas, dúvidas, perguntas que precisam de respostas. Diante disso, podemos observar que os mecanismos de busca funcionam, de fato, ancorados nessas premissas, com a pretensa intenção de suprir necessidades, no que tange a informação, de dar respostas, preencher lacunas⁷. Discursivamente, os mecanismos de busca se ancoram no efeito de sentido de garantia imaginária da possibilidade de dar respostas, onde postulamos não existir totalidade, devido às características inerentes à linguagem em fluxo, como propõe a AD. Um simples exercício de análise põe tudo isso em cheque: de acordo com o esquecimento número 2, teorizado por Pêcheux, o sujeito se ancora na ilusão de que existe uma relação direta entre as palavras, o pensamento, e o mundo. No entanto, com a linguagem em fluxo, no seio da história, perpassada por aspectos sociais e ideológicos, não há garantia de que as palavras possam representar fielmente as coisas do mundo e a intenção daquele que as emprega.

As origens desses mecanismos remetem-nos à década de 90. Como vimos, esse foi um momento de grande expansão da *web* e, diante disso, mecanismos que auxiliassem a busca por arquivos e informação na rede se tornaram imprescindíveis. O primeiro projeto nesse sentido foi o *Archie*.

O Archie coletava fontes, formava um índice e tinha uma interface de busca. O usuário conectava-se com um servidor Archie e recebia uma lista de lugares onde o arquivo que consultava poderia estar (Emtage & Deutsch, 1992 apud ZANIER, 2006, p. 15).

Em 1993, assistimos ao surgimento do Veronica, semelhante ao Archie, porém com alguns avanços no que diz respeito a eficácia da busca, devido a possibilidade de utilização dos comandos booleanos, ou seja, inserir entre os termos de buscas as preposições *and*, *or*, *not* (e, ou, não). Com o crescimento acelerado da *web*, entre os anos de 1993 e 1996, foram criados vários mecanismos de busca *on-line* (Ibidem, p. 16-18). Diante dos inúmeros buscadores criados com o passar dos anos, destacamos o *WebCrawler*, por ter sido o primeiro buscador a funcionar automaticamente, por meio de “robos”, tal como vemos hoje, instaurando o conceito de *spiders* (aranhas), que são os algoritmos usados ainda hoje para

⁷ Na sessão 4 deste trabalho, traçaremos uma análise acerca do funcionamento discursivo do mecanismo de auto-preenchimento do *Google*.

vasculhar a *web* em busca do(s) termo(s) requerido(s). Vejamos a semelhança desse mecanismo com o atual estágio dos buscadores.

O *crawler* capturava e transmitia muitos sites simultaneamente de forma eficiente, tentando prever a similaridade entre o conteúdo do arquivo e sua consulta. Esse mecanismo de busca indexava o título e todo o texto dos arquivos encontrados. Possuía uma interface de busca dinâmica, navegador simplificado e arquitetura cliente-servidor expansível (Ibidem).

Nesse momento, assistimos ao surgimento do Altavista, mais precisamente em 1995, pela empresa de *hardware* DEC (*Digital Equipment Corporation*), que, no dia em que foi lançado ao público, recebeu trezentas mil consultas, ultrapassando, em poucos dias, a marca de um milhão de consultas (SPINK, *et al.*, 2002 *apud* Ibidem). É nesse mesmo ano que o *Yahoo!*⁸ passa a se configurar como um importante buscador da *web*.

Como vimos, as condições de produção e a materialidade nos dizem muito sobre as discursividades a partir daí instauradas. Por isso, além desse pequeno levantamento histórico dos mecanismos de busca, falaremos um pouco sobre o funcionamento deles e qual a relação disso com o funcionamento da linguagem, sob a perspectiva da AD.

Tecnicamente, os mecanismos de busca funcionam, basicamente, da seguinte forma:

Baseando-se no paradigma de uma consulta efetuada pelo usuário, o mecanismo de busca, normalmente, responde com uma lista de resultados constituída de *snippets* (texto âncora) das páginas *Web*. O texto âncora é a descrição curta de uma página *Web* composto de título da página, um endereço URL e um texto curto sobre o conteúdo da página (WESTERVELD, KRAAIJ, HIEMSTRA, 2001, *apud* ZANIER, 2006, p. 21).

⁸ *Yahoo!* é o acrônimo de “*Yet Another Hierarchical Officious Oracle*”, expressão própria do vocabulário técnico de Tecnologia de Informação que significa: “Mais um oráculo hierárquico oficioso” (STROSS, 1998, *apud* ZANIER, 2006, p.18).

Figura 18: O que é um *snippet*

Em suma, podemos dizer que os sites de pesquisa funcionam a partir de algoritmos denominados *spiders* ou *crawlers*. Os algoritmos consistem em um conjunto de passos, definidos por meio de códigos de uma linguagem de programação que, ao serem executados, no caso dos mecanismos de busca, estabelecem uma hierarquia entre os resultados da busca e retornam um conjunto de páginas, os chamados SERP's (*Search Engine Results Pages*). É nessa etapa que são determinados os critérios para avaliação das páginas, determinando o que elas devem ter para serem consideradas relevantes e ocupar melhores posições. Podemos dizer que esses motores de busca são constituídos de seis componentes principais, quais sejam: 1) o *crawler* ou *spider* que vasculha as páginas da *web*; 2) o índice de páginas da *web*; 3) o cachê de documentos, responsável pelo armazenamento das páginas da *web*; 4) o processador de consultas; 5) o sistema de raqueamento de documentos; 6) e o *software* de interface. Resumidamente, as etapas percorridas pelos mecanismos de busca como um todo são,

- 1) Navegar de forma automatizada na *Web* (*crawling*);

- 2) indexar as páginas para criar um índice de cada palavra e o local onde ela ocorre;
- 3) classificar (*ranking*) as páginas de forma que as melhores apareçam primeiro;
- 4) apresentar os resultados de forma fácil ao entendimento do usuário (internauta).

(NORVIG, 2007 *apud* GOULART; MONTARDO, 2007, p. 4)

Nesse processo, as páginas da *web* são avaliadas pelo buscador da seguinte forma:

os motores de busca atuais utilizam o critério de identificar quantos *links* apontam para uma dada página e qual a qualidade desses *links* (qualidade das páginas que fizeram os *links*). De forma análoga podemos dizer que o número de pessoas que fazem referência a um determinado artigo determina a importância do mesmo, desde que os artigos sejam de boa qualidade. *Links* podem estabelecer o mesmo sentido de autoridade (Ibidem).

Ainda sobre esta técnica:

O mecanismo de busca *Google* foi o primeiro a desenvolver um algoritmo – chamado de “*Pagerank*” que calcula o “valor” de um site levando-se em conta àquelas páginas que para ele apontem. Esta estratégia já é implementada na prática em mecanismos de busca chamados de terceira geração como *Google*, *Yahoo*, etc. A análise de *links* consiste ainda em analisar, para fins de determinação do assunto do documento, os conceitos que descrevem o documento em páginas que apontam para este, o que poderia ser descrito pelo mote “diga-me o que dizem de você, que te direi quem és”. (SOUZA, 2006, p. 10)

Com um olhar de analistas do discurso, inferimos que a ideologia entra, deveras, atuante com efeito dessa técnica. Como poderemos observar nas análises feitas na sessão quatro desse trabalho, ela atua de forma velada, mas incisiva.

Focaremos nossa atenção no funcionamento do mecanismo *spider* (ou *crawler*), a fim de observar qual a relação dessa técnica com a discursividade instalada pelos sites de pesquisa. O *spider*, ou *crawler*, é o componente que atua diretamente com as páginas da *web*, buscando por arquivos novos e atualizações nas páginas. Apesar disso, não se sabe ao certo o tamanho da rede e, de fato, os tutoriais dos principais *sites* de pesquisa selecionados para análise aqui dizem que a cada varredura dos *spiders* parcelas diferentes da *web* são vasculhadas.

Uma ferramenta de busca não pode vasculhar toda a internet sempre que alguém fizer uma busca. O que os buscadores fazem é “indexar”

páginas. Eles criam um banco de dados para cada termo que é buscado e nesse arquivo põem as páginas relacionadas a essa palavra. Quando alguém fizer uma busca, é a esses arquivos que a spider vai recorrer. De tempos em tempos esse banco de dados é renovado, num intervalo determinado por cada site de busca, mas que costuma ser de meses. A busca vasculha a web novamente e renova os dados (YAHOO, 2004, p.1).

Diante disso, inferimos que a totalidade da rede nunca será, de fato, rastreada, haja visto o fato de que temos aí a linguagem em fluxo e, diante dessa, a completude se dá na ordem da ilusão, que é necessária. E é exatamente isso que está na essência dos mecanismos de busca, como podemos observar no trecho abaixo:

Os *crawlers* automaticamente e recursivamente visitam páginas *Web*, lêem-nas, copiam-nas, e, seguem os *hyperlinks* contidos nelas (Selberg, 1999 apud ZANIER, 2006, p. 23).

Em sentido literal, uma leitura, cópia e seguimento de *hyperlinks* pode parecer algo simples, aos moldes do esquema tradicional da comunicação. Porém, quando pensamos as implicações discursivas das técnicas de busca, vemos que esse funcionamento se dá de forma rizomática e, diríamos ainda, discursiva. Dizemos discursiva na medida em que os enunciados, divulgados na rede e recuperados pelos *sites* de busca, fazem circular efeitos de Arquivo dentro de uma conexão de vários outros arquivos (ROMÃO, 2011), ou seja, no momento de uma busca, arquivos distintos e advindos de vários lugares da rede são alinhados em torno de uma mesma palavra, o que instala movimentos de maleabilidade e fluidez, visto que outra busca com os mesmos nomes pode inscrever uma listagem absolutamente diferente. Dado o caráter rizomático e discursivo da linguagem e da rede, o buscador não poderia funcionar de outro modo que não fosse esse, rizomático e discursivo. Ao funcionar dessa forma, o buscador dá a ver imagetivamente a rede enquanto rizoma. Apesar disso, os processos desencadeados pelos mecanismos de buscas, tais como vasculhar, indexar, classificar, e apresentar, são descritos como transparentes, exatos, inequívocos, quando sabemos que os arquivos construídos na *internet*

[...] são arquivos que podem ser alimentados diariamente e que se caracterizam pela fluidez, pela possibilidade de sempre ser outro. São arquivos que se constituem de modo aberto, passíveis de desconstrução, e cuja natureza define-se pela própria estrutura fluida e não-linear da internet, pela estrutura em teia. (DIAS apud BRUM-DEPAULA, 2005, p. 45)

Na busca pelas páginas da *web*, os *spiders*, em grande parte, partem de três premissas: 1) focada, na qual a busca é feita por um assunto pré-definido (CHAKRABARTI, BERG, DOM, 1999 *apud* ZANIER, 2006, p. 24); 2) distribuída, com a qual se executa várias tarefas e processos simultâneos (HAFRI & DJERABA, 2004 *apud* Ibidem); 3) paralela, na qual vários *spiders* vasculham ao mesmo tempo (CHO & GARCIA-MOLINA, 2002 *apud* Ibidem). Esses processos são internos e automáticos e não dizem respeito ao momento da busca realizada pelo usuário, propriamente, mas sim se referem a procedimentos prévios realizados a fim de compor o índice de páginas da *web* e o cachê de documentos que, como vimos, é responsável pelo armazenamento dessas páginas. Depois dessa primeira triagem das páginas, é chegada a hora de uma varredura verticalizada de cada página. Essa pode ser pelo mecanismo *depth-first* ou *breadth-first*.

O crawler no método *depth-first* (profundidade inicial), começa no início da página seguindo, no sentido da profundidade, um primeiro link (raiz) até seu final (nódulo), retornando ao início da página e localizando um segundo link. O processo é repetido até não existirem mais links a serem explorados (CORMEN et al., 2001 *apud* ZANIER, 2006, p. 24).

Mais uma vez podemos observar o funcionamento rizomático que as técnicas de busca instauram. Nesse sentido, cada página da *web* se estrutura como um rizoma que ocupa um lugar na rede, que por sua vez se estrutura também da mesma forma, ou seja, não temos indícios de começo nem de fim.

O crawler no método *breadth-first* (largura inicial), começa no início da página seguindo no sentido da amplitude dos links. O link localizado perto do link inicial (raiz) é percorrido pelo crawler primeiro. O link (nódulo) que estiver mais próximo do primeiro link será o segundo a ser percorrido, assim, repetindo-se o processo até o final da página. O processo é repetido até não existirem mais links a serem explorados (CORMEN et al., 2001 *apud* Ibidem, p. 25).

Aqui, podemos dizer que o buscador percorre outra direção do rizoma, diferente da anterior, mais também rizomática. Nessa, o rizoma é percorrido a partir das superfícies, sendo forçado a aprofundar-se a cada superfície.

Algumas características básicas sobre os *sites* de pesquisa puderam ser elencadas até aqui, mas como sabemos, a linguagem é polissêmica e se dá na ordem ilusória da completude, e o sujeito do/ao discurso é movente. Com isso, vemos as limitações e os furos que tais

mecanismos de busca deixam escapar, conforme nos apontam Amaral e Aquino (2008), diante de um levantamento feito em torno disso:

- a) Insuficiência de resultados relevantes devido a ausência de termos de busca;
- b) Falta de atualização dos bancos de dados dos buscadores;
- c) Diferenças nos critérios de indexação e varredura entre os buscadores;
- d) Diferenças nos critérios de ordenação dos resultados oferecidos pelos buscadores;
- e) Diferenças de limites de tamanho das páginas indexadas, de tempo de processamento da pesquisa e restrições de palavras, que mostram que apenas comparar o tamanho das bases de dados de cada buscador pode levar a resultados enganadores (AMARAL; AQUINO, 2009, p.1)

Segundo estudos empreendidos pela *comScore Inc.* (<http://www.comscore.com/por/>), em torno de 30% das pesquisas realizada na *Internet* não compõe um resultado satisfatório. De acordo com pesquisas feitas pela *Microsoft*, apenas uma em cada quatro buscas retornam um resultado que atende às necessidades dos usuários. Contudo, vemos que a linguagem funciona no fluxo da história, nesse caso em particular, nos sites de pesquisa, objeto contemporâneo que muito nos diz sobre as discursividades incitadas pelas condições de produção diante das quais nos deparamos. Diante disso, anotamos que, além desses mecanismos funcionarem, por vezes, segundo disputas por melhores resultados nos *rankings* das estatística, também funcionam como lugar de incompletude, apesar da pretensa ilusão contrária a isso. Vemos com o funcionamento dos mecanismos de busca a constante errância do não-todo, da completude idealizada que fura, traço que consideramos ainda mais vociferado na *Internet*.

Para a escuta desse funcionamento discursivo e rizomático, especificamos o *Google*.

Figura 19: Logo-marca do site de pesquisa *Google*

Sob a ótica discursiva, podemos observar que os sentidos de completude diante da linguagem são aqui postos com bastante veemência, com um alcance mundial. Como vimos, essa é nossa condição ao sermos interpelados como sujeitos da linguagem, pretensa ilusão de controle absoluto é necessário para que possamos produzir sentidos.

As origens do *Google* remetem ao ano de 1996, com um trabalho inicial feito por Larry Page e Sergey Brin, ambos estudantes da Universidade de *Stanford*. Nesse estágio, o mecanismo criado pelos estudantes se chamava *BackRub* e, de acordo com a companhia, ao operar em servidores da universidade por mais de um ano, o *BackRub* acabou usando largura de banda excessiva para os padrões de *Stanford*. O projeto *Google*, de fato, foi consolidado dois anos mais tarde, 1998, já com o nome que hoje vemos tão naturalizado.

Figura 20: Primeira página da pesquisa *Google*.

A primeira sede do *Google*, em setembro de 1998, foi na garagem de uma amiga de seus criadores, na cidade de Palo Alto (EUA). Em dezembro do mesmo ano, o *Google* já aparecia na mídia como o principal mecanismo de pesquisa, ocupando uma posição no *Top 100 Web Sites* de 1998.⁹

⁹ Um histórico sobre o *Google* pode ser encontrado em: <www.google.com.br/about/corporate/company/history.html>

Resumo do Google
Fundado em 1998
Fundadores Larry Page and Sergey Brin
Constituição 4 de setembro de 1998
Oferta pública inicial 19 de agosto de 2004
Centro de operações 1600 Amphitheatre Parkway Mountain View CA 94043

Fonte: < <http://www.google.com.br/about/corporate/company/>>

Atualmente, a sede corporativa do *Google*, apelidada de *Googleplex*, está localizada em *Mountain View*, na Califórnia, e é apenas um de seus vários escritórios espalhados pelo mundo, como podemos ver no mapa a seguir:

Figura 21: Escritórios do *Google* espalhados pelo mundo.

Fonte: < <http://www.google.com.br/about/corporate/company/address.html>>

Diante do exposto, pretendemos colocar em funcionamento os pressupostos teóricos da AD, de linha francesa, a fim de corroborar com nossas premissas sobre a rede enquanto espaço outro de significação.

4 METODOLOGIA E ANÁLISES DISCURSIVAS DO CORPUS

BEATRIZ MILHAZES, *Brinquelandia*, 2008, Mixed media collage on paper

“As palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa (...) A não ser que esses tais rios não tenham duas margens, mas muitas, que cada pessoa que lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja sua, e apenas sua, a margem a que terá de chegar.”

José Saramago In Todos os nomes

4.1 Metodologia em Análise do Discurso

Ao trabalharmos com o discurso enquanto objeto de estudo e análise, alguns passos metodológicos se fazem necessários. No entanto, cabe colocar que, diante de um objeto teórico e discursivo, que não se dá na ordem do empirismo, da lógica, da observação a campo, os trajetos metodológicos podem migrar de acordo com as condições de produção, todavia, o eixo teórico fixa-se sobre os postulados da teoria de Análise do Discurso, de linha francesa.

Diante disso, apresentamos o trajeto aqui percorrido junto do embasamento teórico-metodológico necessário a esse trajeto.

1. Estabelecimento de um campo discursivo e objetivos

A temática ora abordada gira em torno da discursividade instaurada na Internet e nossos objetivos partem da observação da linguagem em fluxo nesse espaço outro de significação.

Diante do universo de discursos passíveis de análise, traçamos um primeiro recorte de um arquivo, definido por Pêcheux (1997) como "campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão". Deste, delimitamos um campo discursivo de referência a partir de uma sequência de restrições (MITTMANN, 2007, p.1).

2. Constituição de um corpus empírico

Dada a primeira etapa, delimitamos os sites de pesquisa enquanto observatório, a partir da seguinte sequência de restrições:

a) Elegemos os nomes Dilma Rousseff e Marina Silva para que fossem realizadas as buscas, para observarmos quais os sentidos sobre a mulher no período de campanha eleitoral no Brasil, neste espaço da *Internet*.

b) Elegemos o buscador *Google*, por ser o mais difundido entre os internautas.

c) Delimitamos, para observação, as duas primeiras páginas dos resultados e o funcionamento das técnicas de busca.

É importante colocar que

[...] não se trata de um gesto linear, pois as idas e vindas, as recorrências a outros discursos e, mesmo, a outros campos discursivos fazem-se necessárias em virtude dos conflitos, confrontos, sobreposições que ocorrem durante o próprio gesto de leitura e releitura do arquivo (Ibidem).

3. Seleção de recortes e composição do corpus discursivo

Depois de estabelecidas as delimitações, observamos o material selecionado a fim de extrair dele recortes para análise.

Essa etapa é feita tendo em mente os postulados teóricos da AD, para que, assim, esses possam ser observados no material coletado.

Não há uma passagem natural da dispersão do arquivo à seleção de textos de nosso corpus empírico e deste à organização das seqüências discursivas que formam nosso corpus discursivo. As passagens somente se dão pelo retorno constante à teoria e, por vezes, pelo deslocamento/surgimento de sentidos, de noções, de percursos... (Ibidem).

4. Identificação de sequencias discursivas: a língua em discurso

Nessa etapa, percorremos o corpus discursivo, o relacionamos com a história, sempre pensando o linguístico atravessado pelo ideológico e pelo inconsciente. Destacamos que somos afetados por ambos, o inconsciente e o ideológico, e é por isso que o trajeto metodológico pode variar a partir do recorte teórico-analítico efetuado pelo analista.

E, por nosso objeto de análise ser um objeto teórico, é preciso ressaltar que a teorização determina o procedimento metodológico, e ambos levam à constituição do corpus, o que significa dizer que o corpus não está dado, mas é construído pelo gesto do analista de ler, relacionar, recortar e, novamente, relacionar (Ibidem).

5. Descrição do funcionamento discursivo

Depois de colocado o dispositivo em movimento, redigimos as análises discursivas, com base nos pressupostos da Análise Discurso, eixo teórico que alicerça esta análise. Nessa etapa, cabe ressaltar que não fazemos uma descrição do texto, mas uma teorização do discurso. Destacamos que o discurso consiste em um objeto teórico e não uma unidade de análise. Assim,

[...] percorremos o olhar de analistas sobre o texto em busca de sua historicidade (o externo que é interno), investigando o ponto de encontro entre o ideológico e o lingüístico. Um ponto de encontro que não é transparente, pois, do contrário, efetuaríamos um trabalho de descrição e não de análise (Ibidem).

Com isso, vemos que dependendo do recorte teórico-analítico feito pelo analista, o trajeto metodológico pode ser alterado, não ficando estanque a uma única possibilidade de análise e de abordagem. Partimos da premissa de que, diante do quadro teórico-epistemológico proposto por Michel Pêcheux, não podemos fazer uma descrição exaustiva de conteúdos, mas sim uma teorização em torno de alguns aspectos discursivos observados, decorrentes do recorte teórico-analítico efetuado. Teórico-analítico porque

[...] tomamos o texto como unidade lingüística para análise do funcionamento do discurso e de suas condições históricas de produção/leitura. E porque, nesta teorização, não efetuamos uma análise exaustiva, tentando dar conta de todos os aspectos envolvidos, mas trabalhamos profundamente sobre alguns aspectos discursivos inter-relacionando arqueologicamente noções teóricas pertinentes (MITTMANN, 2007, p. 1).

4.2 Análises Discursivas do *corpus*

4.2.1 Várias nomeações para Dilma

Nesta primeira entrada discursiva, buscamos observar a maneira como os sentidos são antecipados pelo mecanismo de busca do *Google* Instantâneo (*Google Instant*), indiciando denominações e incitando um jogo de formações imaginárias que buscam confirmar a existência de um discurso dominante, estratificando os sentidos dominantes construídos historicamente por meio do funcionamento da memória discursiva e, ao mesmo tempo, como esse discurso, que tende à hegemonia, pode ser rompido e desconstruído.

O funcionamento desse mecanismo era definido pelo *Google* da seguinte forma, antes da reformulação do layout da página de resultados:

À medida que você digita uma pesquisa no *Google*, a página inicial automaticamente começa a exibir resultados de pesquisa, sem que você precise pressionar Enter. É gerada uma lista de consultas previstas usando o algoritmo de preenchimento automático. Essas previsões são exibidas em um menu suspenso abaixo da caixa de pesquisa.

O algoritmo tenta prever o restante de sua consulta, com base em consultas populares digitadas por outros usuários. A primeira previsão é mostrada em cinza claro, na caixa de pesquisa, e os resultados de pesquisa exibidos instantaneamente serão relativos à pesquisa prevista. Se, em vez disso, você deseja ver os resultados do texto que você digitou, pressione Enter ou clique no botão "Pesquisar".

Fonte: < <http://www.google.com.br/support/> >

Atualmente, o mecanismo funciona da mesma forma. Todavia, ao invés da lista de opções aparecer na página inicial do Google, como podemos ver abaixo:

Figura 22: Funcionamento do Google Instantâneo antes da reformulação do *layout* da página de resultados

Agora ela aparece tendo a página de resultados já como fundo, como pode ser observado na figura a seguir:

Figura 23: Funcionamento do Google Instantâneo depois da reformulação do *layout* da página de resultados

Com essa alteração, observamos que a questão da velocidade sempre perpassa o discurso eletrônico e se coloca, deveras, como uma condição de produção do discurso nesse espaço. Como podemos observar, o sujeito capturado por essa condição é impulsionado ainda mais a se inscrever em redes parafrásticas, uma vez que elas já aparecem ao seu alcance antes mesmo que termine de digitar o que procura. Muitas vezes o que era procurado acaba ficando na sombra do esquecimento, corroborando assim para a estratificação de um discurso hegemônico, à medida que os resultados ao alcance desse sujeito são àqueles mais buscados e as notícias da grande mídia a esse respeito. Sobre a disposição das notícias, como podemos observar, elas passam a aparecer no topo da lista de resultados, ao alcance quase imediato do sujeito-navegador, a esse momento já capturado pela ideologia. Uma implicação dessa disposição das notícias é, mais uma vez, a questão da velocidade: como já observamos, o sujeito é impulsionado a se inscrever nas FD's em circulação recente, praticamente instantâneos ao ato da busca. Tais notícias, e as FD's por elas instauradas, na maioria das vezes, são da grande mídia, que, como vimos (FARIA; ROMÃO, 2008) funcionam discursivamente na direção de estratificar sentidos hegemônicos. Vemos que o funcionamento

da técnica, com seus esforços voltados para a velocidade, tenta tamponar os furos, preencher lacunas, literalmente no caso do mecanismo ora em análise: o *Google Instantâneo*. Conforme nos diz Trivinho (2005), a sociedade contemporânea é regida segundo um regime invisível da velocidade tecnológica, que funciona como um epicentro descentrado de estruturação da vida humana; descentrado na medida em que a configuração social-histórica contemporânea, impulsionada pela técnica sofisticada, é disposta em rede imaterial planetária (TRIVINHO, 2005).

A questão da velocidade ainda pode ser observada em mais uma definição do mecanismo de preenchimento automático do *Google* (*Google Instantâneo*), como podemos observar nos trechos destacados a seguir:

Se você tem o *Google Chrome*, o *Instant* do *Chrome* pode mostrar resultados de pesquisa à medida que você digitar na barra de endereços do *Google Chrome* (*omnibox*) para ajudá-lo a obter as informações que está pesquisando com **ainda mais rapidez**.

Fonte: < <http://support.google.com/websearch/bin/answer.py?hl=pt-BR&answer=186610&topic=1186810&ctx=topic> >

Nas análises aqui empreendidas, ao observarmos os efeitos ideológicos dessa técnica, vemos que, apesar da cristalização de um discurso dominante, a AD postula que a linguagem é polissêmica, passível de furos e falhas, sujeita a deslizamentos de sentido a cada nova tomada de palavra pelo sujeito, nesse caso, na discursividade eletrônica.

As buscas empreendidas no *Google* para a constituição dessa primeira entrada discursiva foram realizadas em março de 2010, ainda na versão anterior do *Google Instantâneo*, e partiram do nome “Dilma Rousseff”, significante esse sustentado pela memória discursiva sobre o político e sobre ser mulher na cena atual da política brasileira. A escolha desse nome justifica-se pela relevância e visibilidade da ministra ao longo do segundo mandato do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, por ter ocupado cargos do primeiro escalão e ser apontada como o nome mais forte à presidência na disputa eleitoral de 2010, a sustentando na posição de sinalizar a chance de o país ter a “primeira presidenta”, o que de fato ocorreu. Afora isso, essa figura feminina aponta para a retomada de regiões de sentidos já faladas antes em outro lugar, visto a atuação na militância política no período da ditadura militar, ocupação de posições de denúncia, contestação e desagravo diante do cenário da luta política inscrita na cidade e inserida nos movimentos de resistência à ditadura. Intentamos

observar se e como tais sentidos retornam e consolidam espaços de dizer que sustentaram os lugares da candidata e que hoje a coloca na posição de presidenta.

Figura 24: Página inicial do *Google*, com pesquisa feita sobre “Dilma Rousseff”

Nesse primeiro recorte, por exemplo, vemos bastante recorrente o funcionamento do conceito de *denominação*, teorizado, entre outros, por FREGE (1978), MARIANI (1998), GUIMARÃES (2005).

A denominação, enquanto um modo de construção discursiva dos ‘referentes’, tem como característica a capacidade de condensar em um substantivo, ou em um conjunto parafrástico de sintagmas resultantes das relações de força entre formações discursivas em concorrência num mesmo campo (MARIANI, 1998, p. 118).

Podemos dizer que, ao propor nomes às coisas do mundo, o processo de denominação dá-se por via histórica, conforme aponta Guimarães (2005, p. 39), já que, segundo esse autor, a denominação representa um “percurso social do nome”, ou seja, os contextos em que um nome circulou também produzem sentidos no momento da sua atualização. Como podemos ver no recorte acima, ao nomear DILMA, DILMA ROUSSEFF ou DILMA VANA

ROUSSEFF LINHARES, ao sujeito pode parecer óbvio, pelo efeito ideológico de evidência, atualizar regiões de sentidos distintas marcadas pela inscrição de condições de produção específicas. Dessa forma, cabe pensar que

(...) o nome próprio funciona como se fosse único, embora não o seja. E a não unicidade se dá pelo cruzamento de lugares enunciativos diferentes que levam à nomeação: o da corporação, o coletivo, o da atualidade, etc., relacionados com uma história de enunciações que vai afetando o nome (GUIMARÃES, 2005, p. 40).

Além disso, o conceito de denominação entra em funcionamento inserido em dadas formações discursivas, entendidas aqui como a possibilidade de se considerar a maneira como os dizeres são determinados por disputas pelo poder tramadas na conjuntura sócio-histórica, isto é, na trama das formações sociais em que estão postos os lugares de poder a serem (ou não) ocupados e permitidos de ocupar. Tudo isso tem relação com o processo de interpelação e formação ideológica, o qual Pêcheux (1969), como vimos, caracteriza como o conjunto daquilo que pode e deve ser dito a partir de uma posição, ou seja, o que possibilita ao sujeito inscrever-se nesta ou naquela FD. Nesse sentido, os sujeitos, ao serem capturados pela ideologia, produzem seus discursos ancorando-se na memória discursiva.

A partir disso, vemos nesse recorte o funcionamento discursivo de algumas regiões específicas de sentidos acerca do significante Dilma. “Dilma ficha criminal” ou “Dilma terrorista” inscrevem um modo de dizer sobre ela a partir da atualização de sentidos sobre a considerada periculosidade da militante de esquerda, ou seja, tais nomeações colocam-na na posição discursiva que ela ocupava durante o período da ditadura militar, envolvida em movimentos de resistência.

Nessa discursividade, havia um descompasso em relação à tortura, à repressão e ao desaparecimento de líderes políticos considerados de esquerda; efeito de atualização de regiões de sentidos que vão desde sentidos de criminalidade aos sentidos de política. Podemos dizer ainda que tais regiões de sentidos variam do político à política ao partirem de “dilma rousseff ficha criminal” em oposição à nomeação “dilma presidente”, que a inscreve em outro lugar de dizer, agora legitimado pelos efeitos de democracia. Outros modos de dizer sobre Dilma Rousseff também comparecem, vejamos:

Figura 25: Página inicial de pesquisa do Google, com termos de pesquisa mais específicos

As denominações “dilma rousseff lattes”, “dilma rousseff cancer”, “dilma rousseff antes e depois”, que podem ser vistas no recorte acima, nos levam a refletir sobre o jogo de antecipações de sentidos nas formações imaginárias teorizadas por Pêcheux (1969). Ao tomar a palavra, há sempre uma tensa trama de representações que opera de modo a legitimar a imagem que o sujeito faz de si, que o sujeito faz de seu interlocutor e, por fim, que o sujeito faz do objeto do discurso. Isso vale também para o inverso: a imagem que o interlocutor tem de si, a imagem que o interlocutor tem de quem lhe fala e a imagem que o interlocutor tem do objeto do discurso.

Como vimos, cabe ressaltar que todas essas relações devem ser pensadas enquanto uma trama ideológica na qual a ideologia fixa o sujeito e entra, de fato, em funcionamento na linguagem, produzindo o efeito de naturalidade e obviedade de um sentido. Dessa forma, por meio do processo de interpelação ideológica, um sentido entra em funcionamento e outros são apagados, indicando ser uma formulação a mais exata, deixando as demais na sombra do esquecimento; esse é um elemento constitutivo da prática discursiva, visto que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (PÊCHEUX, 1997, p. 92).

Vejamos agora a sequência que o mecanismo de busca do *Google* vai antecipando sobre Dilma Rousseff à medida que os termos de pesquisa vão se especificando.

Figura 26: Página inicial de pesquisa do *Google*: especificando os termos de pesquisa

Nesses recortes, observamos que o “*Google*” funciona discursivamente de modo a publicizar e colocar em circulação várias nomeações para Dilma, antecipando que o sujeito-navegador precisa e deseja tudo saber. Como vimos, a rede eletrônica funciona imaginariamente como o lugar de todas as informações, em que todos os leitores estão expostos ao tudo e à completude dos sentidos. Por isso, a lista de nomeações sobre Dilma inscreve efeitos fragmentários de várias regiões de sentidos, sustenta-se como um caleidoscópio para o qual o efeito de ordenamento não nos é dado a saber em profundidade. Efeitos de sentidos sobre a intelectual que possui currículo *lattes*, importante banco de dados eletrônico que reúne currículos de pesquisadores e estudantes do país, entram em discurso em confrontação com os efeitos da “terrorista” que, pelo efeito da memória discursiva, coloca o medo e o horror em discurso.

Observamos que, à medida que as nomeações vão aparecendo (e é preciso dizer que elas mudam sempre), o sujeito-leitor ou navegador vai construindo uma imagem do e sobre o objeto do discurso, nesse caso, “dilma rousseff”. Essa imagem vai sendo tecida pela trama

ideológica e refinada à medida que os termos de pesquisa vão sendo refinados; por exemplo, ao digitar “dilma rousseff”, ao invés de somente “dilma”, vemos que os sentidos instaurados relacionam a posição de candidata à presidência nas eleições de 2010; o que implica uma legitimidade partidária diferente dos sentidos anteriores. Se antes como, terrorista, Dilma Rousseff era colocada na posição de fora-da-lei, agora tem autorização para candidatar-se a presidência da república, autorizada que está pelo próprio presidente em vigor e pelo seu partido, ou seja, é nomeada de outro modo dadas as condições sócio-históricas.

Com isso, a imagem que o sujeito constrói do objeto do discurso tende a paráfrase, a repetição na busca de um sentido único, aquele dominante. Porém, uma vez que a linguagem é passível de furos e falhas, ainda mais vociferados na teia eletrônica, vemos insurgir regiões de sentidos bastante distintas, tais como, “dilma rousseff cancer”, por exemplo. Nessa nomeação, nem a terrorista, nem a presidenta, nem a intelectual comparecem. O efeito da doença fisa o nome de Dilma, falando junto com ele, implicando a mulher que sofre e pena como qualquer outro ser humano, desvestida de qualquer poder (do terror, do saber e da política) e marcada pela doença que hoje inscreve-se como um desafio à medicina. Ao marcar “cancer”, outros sentidos são tecidos e ramificados para regiões de memória que implicam o sofrimento e também a superação. Além disso, os significantes antes e depois se alinham aos sentidos de estética, mas também de passado e presente, e, no caso de eleição, também de um futuro. Temos sentidos de passado corroborados nesse caso pelos significantes ditadura, ficha criminal, terrorista, câncer, passado esse que agora vem a tona e inscreve o sujeito Dilma, presidenciável, determinado por essas condições de outrora.

Cabe colocar que todos esses sentidos compõe Dilma, enquanto sujeito do discurso, como presidenciável. Apesar da aparente dissonância entre “dilma rousseff lattes” e “dilma rousseff terrorista”, todas essas regiões de sentidos, que por vezes permeiam o confronto, compõe uma só FD: aquele que coloca, no nível discursivo, Dilma Rousseff como sujeito candidata a presidência da república. Nesse sentido, todas essas regiões de sentidos são, na verdade, sentidos de uma presidenciável datados para esse momento, com essas condições de produção particulares.

O funcionamento da técnica, nesse caso, é a materialização dos sentidos que ora circulavam sobre Dilma Rousseff, materialização essa que promove direcionamentos dos sentidos a serem construídos pelo sujeito-navegador. Direcionamento esse que se dá pelo funcionamento da tecnologia e funciona como agenciamentos do que pode e deve ser lido. Ao instaurar famílias parafrásticas de significação, o mecanismo dá margens para outras

formulações possíveis nesse mesmo sítio de significação, mas controla essa margens a partir dos direcionamentos de sentidos. Diante disso, ressaltamos que

Um texto tem em suas margens muitos outros textos, as famílias parafrásticas, indicando tantas outras formulações – textualizações – possíveis no mesmo sítio de significação e que se organizam em diferentes espaços significantes. Cada texto tem os vestígios da forma como a política do dizer inscreveu a memória (saber discursivo) na sua formulação. Um texto é sempre um conjunto de formulações entre outras possíveis [...] (ORLANDI, 2001, p.90).

A disposição que o buscador dá ao texto, nesse caso em duas colunas, dois blocos (esquerda/direita), aparentemente desconectados, reclamam a leitura e a amarração entre, de um lado, Dilma Rousseff e, de outro, “cancer”, “terrorista”, etc. A lacuna entre uma coluna e outra inscreve o sujeito-navegador, leitor e deixa a cargo dele os movimentos de interpretação, ou seja, coloca uma falta a ser costurada pelo leitor que, ao ser fisgado ideologicamente, ancorado pela memória discursiva e direcionado pelas formulações possíveis ora dispostas, logo constrói frases afirmativas:

dilma rousseff	é	terrorista
dilma rousseff	é	guerrilheira
dilma rousseff	tem	câncer
dilma rousseff	tem	lattes

Entre outras dinamicamente impulsionadas pelo mecanismo. Ou seja, a parte negritada são interpretações possíveis do nome de Dilma Rousseff, mas não as únicas.

Com esse exercício de análise, vemos a linguagem em funcionamento na rede eletrônica, produzindo efeitos de sentidos fora do controle, desengaiolados e prontos a romper com as previsibilidades. Observamos ainda que a ilusão do sentido único, da informação concisa e verdadeira, do discurso dominante esfacelam-se na rede.

Uma rede, e pensemos numa rede mais simples, como a de pesca, é composta de fios, de nós e de furos. Os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo de fazer sentido, como os furos, por onde a falta, a falha se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer, não havendo espaço para novos e outros sentidos se formarem (FERREIRA, 2003, p. 44).

Esse outro espaço de significação, que é a rede eletrônica, é constituído por linhas e por furos, tanto por espaços preenchidos quanto por espaços faltantes, conforme nos diz FERREIRA (Ibidem) ao pensar a metáfora da rede de pesca, os furos da rede são constitutivos dela e essenciais ao seu funcionamento e, como vemos na rede eletrônica, esses furos são condição de sua (não) forma, ou seja, de sua existência.

4.2.2 A roda mágica do Google

Para essa, propomos a escuta do funcionamento da linguagem em mais uma das ferramentas da busca *Google*. Denominada “Roda Mágica”, essa ferramenta foi lançada em maio de 2010 e, depois de reformulado o layout da página de resultados do *Google*, ela não se encontra mais disponível, fato esse que também iremos analisar. A função dessa ferramenta consiste em auxiliar o internauta a descobrir termos mais específicos relacionados aquilo que ele deseja encontrar.

Figura 27: Exemplo do funcionamento da ferramenta Roda Mágica

Vejamos como tal ferramenta é definida por seus idealizadores:

Roda mágica: esta opção apresenta conexões visuais entre as pesquisas relacionadas e seu termo de pesquisa como um diagrama interativo. Clique nos diferentes nós no diagrama para ver como as pesquisas podem se ramificar (GOOGLE, 2011, p.02).

Ainda com base nas definições de seus idealizadores, podemos observar a linguagem em (dis)curso, que, conforme nos diz Pêcheux, é mais do que “evidências empírico-lógicas” (PÊCHEUX, 2011, p. 281),

Se você não tiver certeza dos termos exatos que devem ser usados na sua pesquisa, comece por um termo de pesquisa mais abrangente e, em seguida, utilize essas ferramentas para descobrir termos alternativos (GOOGLE, 2011, p.02).

Podemos observar que algumas características constitutivas do funcionamento da linguagem foram contempladas com esse recurso, mesmo que de modo a contê-las. No trecho “Se você não tiver certeza dos termos exatos”, vemos que, pensando no jogo das formações imaginárias (Pêcheux, 1969), o mecanismo de busca antecipa a posição de seu interlocutor e infere que este, no nível discursivo, representará um sujeito incerto daquilo que deseja, que é uma característica própria de ser sujeito do discurso.

Ora, sabemos que toda certeza e exatidão são postas em xeque quando, de fato, a linguagem funciona e falha, desliza. Apesar de se considerar essa possibilidade - a incerteza do sujeito navegador - pressupõe-se que isso pode ser contido, cercado e resolvido com a ferramenta em questão, o que é uma ilusão. A possibilidade de conter os sentidos se daria da seguinte forma: “comece por um termo de pesquisa mais abrangente e, em seguida, utilize essas ferramentas para descobrir termos alternativos”. Nessa entrada discursiva, inferimos ser atualizadas redes de memória discursiva sobre o poder e a potência da tecnologia, ou seja, um fio do discurso que permeia as palavras e as carregam de memória. Sabemos que as palavras se inscrevem no âmbito da história e, assim, carregam consigo memória discursiva, ou seja, a historicidade dos dizeres é atuante no discurso.

A questão da historicidade é uma questão presente na análise de discurso de maneira constante. Desse modo, quando falamos em sujeito, já está posta a relação língua/sujeito/história. E, quando falamos em sociedade, estamos pensando a sociedade tomada na história (ORLANDI, 2011, p. 1).

Para propor um termo de pesquisa mais abrangente, o sujeito precisa ter um mínimo acesso ao arquivo discursivo sobre a questão em busca. Elegendo esse termo, o sujeito põe em cena o funcionamento da memória discursiva dele, que poderá ser observada nas FD's que o mecanismo de busca irá trazer, compreendendo FD enquanto regularidades entre enunciados, a partilha de sentidos em comum. A partir daí, é dada a possibilidade de percorrer por entre as

FD's a fim de encontrar termos alternativos, ou seja, regiões de sentidos que, devido à historicidade dos dizeres e à memória discursiva, partilham de FD's que versam sobre aquilo que está sendo buscado pelo sujeito navegador.

Anotamos, ainda, que tal ferramenta inscreve discursivamente o efeito de que a própria Roda Mágica poderia executar a busca completa para o sujeito navegador sem que ele mesmo precise saber sobre o tema; enfim, uma verdadeira mágica de adivinhação que a tecnologia promete e atribui a si o poder de executar.

Nesta análise, partimos de duas buscas com os nomes Dilma Rousseff e Marina Silva, para flagrar o jogo de sentidos sobre a mulher na política no período de campanha eleitoral, em 2010. Desse modo, cabe colocarmos que a materialidade da designação do nome próprio, no caso Dilma Rousseff e Marina Silva, é uma materialidade de confronto. “Assim, a relação de designação é uma relação instável entre a linguagem e o objeto, pois o cruzamento de discursos não é estável, é, ao contrário, exposto à diferença.” (GUIMARÃES, 1995, p. 74). E no caso, essa diferença implica dois nomes de mulheres, duas posições partidárias, dois cargos políticos, uma pura diferença que desejamos escutar discursivamente. Este confronto pode ser observado na discursividade da busca feita no *Google*, a partir dos nomes das então candidatas à presidência da república. Além desse confronto, inerente à linguagem, sabemos que outro aspecto constitutivo, como vimos, é a historicidade dos dizeres, atuante também no caso da nomeação, dado que as palavras da história são nomes, nomes que não designam classes de objetos apenas, mas que identificam, “um nome identifica, ele não classifica” (RANCIÈRE, 1992, p. 43).

Por estarmos diante de nomes próprios, é inevitável pensarmos nos indivíduos que eles representam, Dilma e Marina, porém, não é a esses que nos referimos, visto que nos interessam as posições sujeito que se instalam a partir desses nomes de mulheres inscritos na política brasileira atual. Para não incorrermos nesse equívoco, e como veremos ele é comum, cabe a distinção:

não é possível falar em sociedade sem pensar o indivíduo – ou o sujeito individualizado [...] - dado o fato de que, quando nos voltamos para a compreensão das questões sociais, a questão da sociedade é fortemente marcada pelo discurso da sociologia e esta erige esta noção como fundamental (ORLANDI, 2011, p. 1)

O que nos interessa é o que a noção de indivíduo deixa escapar, “o que fica de fora quando se pensa só o sujeito já individualizado é justamente o simbólico, o histórico e a ideologia que torna possível a interpelação do indivíduo em sujeito” (ORLANDI, 2011, p.

107). Por isso, nossa escuta dirige-se ao que está em jogo no discurso quando posições sobre a mulher na política, na gestão pública, no executivo e na militância são colocadas em discurso. Isso posto, observemos então a discursividade da busca sobre Dilma Rousseff e Marina Silva no Google em janeiro de 2011, a partir da ferramenta Roda Mágica:

Figura 28: Busca no Google utilizando a ferramenta Roda Mágica

Num primeiro momento, já podemos observar que, na busca por “Marina Silva” não vemos “Dilma Rousseff” como uma possível associação, ou seja, há uma exclusão explicitada pelo dispositivo da Roda Mágica de modo que tais nomes circulariam em trilhas separadas na rede eletrônica. Tomados enquanto posição no discurso, outros sujeitos foram inscritos e não Dilma Rousseff, esses foram Carlos Minc e Heloisa Helena. Sabemos que a linguagem está intrinsecamente relacionada com a história e que todo discurso se dá segundo suas condições de produção, ou seja, atravessado pelo contexto sócio-histórico-ideológico. A partir disso, anotamos que, nesse momento da história do país, Dilma Rousseff já tinha sido eleita e Marina Silva não representava mais, por ora, uma concorrente. Nos termos do discurso, Dilma Rousseff, enquanto sujeito do/ao discurso, foi silenciada, mas ainda assim produziu sentidos, ao que diria Orlandi (1992), o silêncio indica que o sentido pode sempre ser outro.

Instigadas por esse silêncio, fizemos a busca por “Dilma Rousseff” e aí o sujeito Marina Silva foi inscrito. Podemos inferir que um jogo entre FD’s incitou a inscrição do sujeito Marina Silva partilhando das mesmas FD’s que Dilma Rousseff e, num deslize entre sentidos porosos, não promoveu a inscrição do sujeito Dilma Rousseff partilhando as mesmas FD’s de Marina Silva. O que parece um equívoco representa, de fato, uma característica da linguagem: ela falha e está sempre prestes a mancar e a equivocar-se. Com isso, vemos que um todo coeso, estruturado, não é possível, o que nos faz pensar que o tradicional esquema da comunicação proposto por Jakobson (2005) não funciona de modo direto, unívoco e transparente, uma vez que tal autor propõe um canal em linha reta, no qual a ida e a volta da comunicação são garantidas com a mensagem sempre desvestida de ruídos.

Vimos que esse esquema falhou. Onde se era esperado a mesma mensagem, encontramos algo diferente; no lugar em que o previsível garantiria um caminho de ida e volta nos mesmos termos, algo irrompe como imprevisível. Até mesmo esse jogo de FD’s foi furado quando a ferramenta Roda Mágica propôs a associação entre os sujeitos Dilma Rousseff e Marina Silva, pois vimos que, num primeiro momento, tal associação não foi possível. Com isso vemos um esforço do mecanismo de busca em manter o esquema da comunicação, apesar de o propor na forma de uma diagrama radial, esforço esse que deixou às vistas os furos estruturantes do funcionamento da linguagem na rede.

Outro fato curioso é que, a partir dessas condições de produção, o sujeito Chico Mendes, por exemplo, não apareceu partilhando das mesmas FD’s de Marina Silva, o que foi recorrente em outro momento da história (FARIA; YADO e ROMÃO, 2011), e ainda o é hoje em vários outros discursos na própria rede eletrônica. O que nos mostra mais uma vez que a inscrição de sujeitos dá-se segundo suas condições de produção. E tal como ocorreu com o

sujeito Dilma Rousseff, apesar de o sujeito Chico Mendes não ter sido inscrito ele produziu sentidos, uma vez que os dizeres Marina Silva, carregados de historicidade, instalaram o trabalho da memória discursiva, mesmo que silenciando esse sujeito, ressaltando que silêncio é também (e talvez principalmente) uma forma de estar na linguagem. Um sujeito que tem acesso a esse arquivo discursivo pode interpretar que Marina e Chico partilham das mesmas FD's, e que as vozes deles, de um modo ou de outro, atualizaram certas regiões de sentido sobre a luta dos seringueiros, a reivindicação de direitos e a preservação das reservas naturais amazônicas. Já um sujeito que simplesmente não tem acesso a esse arquivo, já não teria promovido a inscrição do sujeito Chico Mendes, tampouco tecido e destecido relações de sentidos entre os *links* presentes e ausentes na Roda Mágica. E, ao falarmos em ausência, apontamos para o fato de que a ferramenta Roda Mágica não se encontra mais disponível, o que nos mostra outra recorrente característica da rede, sua efemeridade. Mas sabemos que a falta, a falha, a ausência, o silêncio são maneiras de ser/estar na linguagem. Diante disso, encontramos indícios, na discursividade de uma das páginas do *Google*, de um estranhamento por parte de um sujeito navegador diante dessa falta da Roda Mágica (**ANEXO 1**).

Figura 29: Fórum de ajuda do *Google* com o tópico “Roda Mágica”

Neste tópico do fórum de ajuda do *Google*, um usuário da ferramenta Roda Mágica, Gabriel Lima Firmino, postou, no dia 28 de julho de 2011, a seguinte pergunta:

[Gabriel Lima Firmino](#)

Como faço para achar a roda mágica no novo layout do google?

Estou tentando acionar a opção da roda mágica no google mas não acho aonde eu posso ativar a mesma.

Podemos observar aqui que apesar da ausência da ferramenta, acredita-se que ela ainda possa estar em algum lugar. Notamos que esse é um efeito de sentido comum da rede, acreditamos que se, num dado lugar, não podemos acessar algum conteúdo, de uma forma ou de outra poderemos ter acesso. A dinâmica da rede e sua forma nos incitam a promover essa ilusão, de que tudo pode ser encontrado, de um jeito ou de outro. Sujeitos-navegadores na rede não acreditam na ausência absoluta, na falta, de fato, de algum conteúdo, fica-se sempre o efeito de que em algum lugar da grande teia o conteúdo estará disponível. Como vimos, estamos diante de um dos mitos da rede, o de sua completude. Abaixo, vemos a resposta dada por Allan M. de Azevedo, um contribuidor da Ajuda do Google.

[Allan M. de Azevedo](#)

Olá Gabriel...

A 'Roda Mágica' não está mais disponível no novo *layout*...! =\

Você a usava com frequência?

Abraços!

Aqui, podemos observar que, apesar de os sentidos de completude da rede serem difundidos com veemência, existe, na execução, os furos, as falhas. Esse caso é um exemplo claro de que não se pode encontrar tudo o tempo todo na rede. E nem existe explicação para essa ausência, foi postado apenas que a ferramenta não está mais disponível, o que vem a legitimar os sentidos de efemeridade, fica o sentido de que o fato de algo tornar-se indisponível, de uma hora pra outra, é tão comum que nem precisa de aviso prévio e nem de explicações posteriores, o que, de fato, é o que observamos na rede: com a mesma facilidade que conteúdos tornam-se disponíveis na rede, eles também são tirados do ar. Vemos aqui que existe a promessa e a ilusão da completude, mas na execução vemos a falha, o furo que compõe a rede. Abaixo vemos mais duas postagens de usuários da ferramenta:

[Catherine Battisti](#)

Ia postar a mesma pergunta do Gabriel. Uso com frequência essa ferramenta. Por quê tiraram ela do ar? É tão útil para que trabalha com search marketing. Obrigada

[Jessika Pereira](#)

Há alguma outra forma para torná-la disponível?

Na postagem de Catherini Battisti, vemos que ela pede por explicações: “Por quê tiraram ela do ar”. O que reafirma os sentidos levantados acima: existe a promessa de completude e, na execução, a falha naturalizada, o que provoca o sujeito a indagar sobre o porquê da ausência. Na postagem de Jessika Pereira vemos, novamente, a sensação de que de uma forma ou de outra é possível tamponar esse furo, efeito esse, como vimos, instaurado pela própria dinâmica e estrutura da rede.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

BEATRIZ MILHAZES, *Mariposa*, 2004, Acrylic on canvas

*O actual não é o que somos, mas aquilo em que nos vamos
tornando, aquilo que somos em devir,
quer dizer, o Outro, o nosso devir-outro.*

Deleuze, 1996

Ao tomarmos a rede eletrônica como materialidade discursiva, partimos do estranhamento, já posto por Althusser, que nos põe a suspeitar daquilo que escutamos, falamos e calamos, conforme o autor: “[...] suspeitar o que escutar, portanto falar (e se calar) quer dizer [...]” (ALTHUSSER, 1968, p. 14-15). Estranhamento esse ancorado nas premissas desse espaço outro de significação que é a *Internet*. Premissas que provocam efeitos de sentidos de totalidade, de completude; premissas que instauram contradições no que tange a inscrição do sujeito, ao funcionamento da linguagem e a estruturação da sociedade contemporânea, pautada no imaterial, na técnica refinada e no regime velado da velocidade, que nos põe noutra esfera do tempo e do espaço. Sobre isso, retomo Paul Virilio que nos diz que “o tempo não é mais inteiro, mas indefinidamente fracionado em quantos instantes, instantaneidades, quanto permitem as técnicas de comunicação e de telecomunicação” (VIRILIO, 1999, p.57).

Tende em mente tais condições de produção, propomos, num primeiro momento, uma reflexão teórica sobre as bases desse trabalho: a teoria de Análise do Discurso de matriz francesa, sobretudo a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux. Neste momento, nossa intenção foi introduzir os postulados teóricos da AD com vistas a sustentar nossas hipóteses e as reflexões decorrentes delas. Para tanto, traçamos uma revisitação das origens da AD, caracterizando as condições de produção próprias do momento de seu surgimento. Além disso, propomos uma reflexão em torno das filiações teóricas da AD, colocando quais foram os terrenos teóricos percorridos por Michel Pêcheux para que, a partir dos quais, fossem possíveis os deslocamentos e as (des)construções que culminaram na disciplina de Análise do Discurso. A partir dessa revisitação epistemológica, propomos uma discussão em torno da base conceitual desta disciplina. Nesta etapa, nossa intenção se pautou em esmiuçar os conceitos estruturantes e capilares da teoria. Consideramos que tais conceitos eram estreitamente ligados às nossas hipóteses e ao nosso *corpus*. Com isso, discorreremos sobre tais postulados para que, noutra momento, eles fossem vislumbrados nas análises empreendidas.

Num segundo momento, julgamos necessária uma reflexão em torno da materialidade diante da qual nos debruçamos, a digital. Nesta etapa, nossa intenção foi refletir em torno das condições de produção próprias do discurso eletrônico, dando um enfoque ao espaço de significação da *Internet*. Esse espaço foi nosso observatório durante a pesquisa e, por isso, consideramos que as características próprias de sua forma, de sua condição de existência, são aspectos que promovem efeitos de sentidos outros. A partir disso, especificamos como objeto de estudo e análise os sites de pesquisa e os mecanismos usados nesse espaço para realização de buscas na *web*. A partir de uma explanação em torno das técnicas usadas por esses

mecanismos, inferimos que o funcionamento da linguagem na *Internet*, sob a ótica discursiva, se dava a partir de uma estreita relação com essas técnicas. Mais uma vez vimos que materialidade e condições de produção são aspectos intrínsecos ao funcionamento da linguagem.

Em seguida, depois de estabelecidos nossos laços teóricos, determinado nossos objetivos e sob qual objeto nos debruçaríamos, demos início às nossas análises, a fim de observar nelas as reflexões tecidas até então. Com as análises, pudemos observar alguns dos aspectos que havíamos postos em discussão. Colocamos que essas análises foram feitas a partir de dois conjuntos de entradas discursivas extraídos do *corpus* coletado para o desenvolvimento desta pesquisa.

Contudo, nosso percurso até aqui, nos põe a pensar que, de fato, estamos diante de condições de produção outras. Como vimos, ao falarmos em discurso, as condições de produções se fazem intrinsecamente relacionadas e entram, deveras, em funcionamento com a linguagem no fluxo da história. Além disso, estando no terreno do discurso também consideramos o papel desempenhado pela materialidade. Como vimos, estamos diante de uma materialidade diferente, com indícios de matéria, mas que se pauta, na maior parte, no imaterial. Apesar disso, esse é um traço dessa materialidade específica, desse espaço, ou melhor, *ciberespaço*. Sendo condições de existência desse espaço de significação, observamos que, de fato, a materialidade própria da rede incita efeitos de sentidos que ora convergem com aqueles instaurados por materialidades outras, mas muitas se deslocam, provocando um funcionamento da linguagem peculiar nesse espaço, um funcionamento rizomático. Anotamos que o funcionamento do rizoma, conforme coloca Deleuze-Guatarri (1995), põe em cheque estruturas dicotômicas, lineares, e traz tona as multiplicidades como forma de expressão do ser, o que de fato observamos com a escuta da língua em fluxo na rede eletrônica. Os sites de pesquisa, em particular, nos põem a pensar sobre a pretensa ilusão de completude, traço próprio da língua e ainda mais vociferado por tais mecanismos. O funcionamento dessas técnicas de busca, o *ranking* de resultados propostos pelos buscadores trazem a tona/tela um conjunto peculiar de enunciados, que se engendram sobre a hipótese que os alinham em torno de um tema, aquele buscado pelo usuário, mas que, apesar desses alinhamentos, e diria até agenciamentos, se dispersam. Conforme aponta Marandin,

Este conjunto não é a coleção de um espaço homogêneo (o espírito de uma época, um estado de cultura ou de civilização) de tudo o que foi dito, de tudo o que se diz, mas um conjunto de regiões heterogêneas

de enunciados produzidos por práticas discursivas irreduzíveis.
(MARANDIN, 1979, p.48)

A partir do exposto, apostamos nessa assertiva, e acreditamos que indícios de resultados que corroboram com ela já puderam ser observados e que mais ainda ficam por vir.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. Marxismo e Humanismo. In: *Análise Crítica da Teoria Marxista*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1963.

ALTHUSSER, Louis. *Lire le Capital*. T.I, Paris, Máspero, 1968.

ALTHUSSER, Louis. “Marxismo e Humanismo”. In: *A Favor de Marx*. 2ª edição. Tradução de Dirceu Lindoso. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

AMARAL, Adriana. AQUINO, Maria Clara. “Eu recomendo.. e etiqueto”: práticas de folksonomia dos sujeito navegadores no Last.fm. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p.117-130, 11 dez. 2009.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009. 293 p.

ARAUJO, Denize Correa. “Hipertrópole digital”: a cibermídia como cidade rizomática. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (Orgs.). *Narrativas Midiáticas Contemporâneas*. 1. ed. Livro da XIV Compós, 2005, p. 191-206.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. In: ORLANDI, Eni. *Gestos de leitura*. Da história no discurso. Campinas, SP: UNICAMP, 1997, p. 257-281.

BARAN, Paul. *On Distributed Communications Networks*. Rand Corporation. Santa Monica, California. September, 1962.

BARRETO, Aldo Albuquerque. As palavras voam, a escrita permanece: a aventura do hipertexto. *Datagramazero: Revista de Ciência da Informação*, v. 5, n. 5, out. 2007. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br/>>. Acesso em: 30 out. 2007.

BRUM-DE-PAULA, Mirian Rose; IN: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *Sentido e Memória*. Campinas: Pontes, 2005.

CAMPOS, Luiz Fernando de Barros. Web 2.0, Biblioteca 2.0 e Ciência da informação (I): Um protótipo para disseminação seletiva de informação na Web utilizando mashups e feeds RSS. In: *ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 8. Anais... Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--232.pdf>>

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 698 p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura).

_____. *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

COURTINE, Jean Jacques; MARANDIN, Jean Marie. Quel objet pour l'analyse de discours? In: *Matérialités discursives. Actes du Colloque*, Avril, 1980, Paris X. Nanterre Lille: Presses universitaires de Lille, 1981.

COSTA, Fabiana Claudia Viana. *Designação e referência: uma análise enunciativa do Censo Demográfico 2000*. 2004. 77 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Letras, Unicamp, Campinas, 2004. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000323166>>. Acesso em: 07 jun. 2011.

DELEUZE, Giles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 10-36. (Coleção Trans). Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa.

DIAS, Cristiane Pereira. *Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital*. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2008.

DIAS, Cristiane. e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano. In: DIAS, Cristiane. *E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital* [online]. 2011, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

FARIA, Daiana Oliveira; ROMÃO, Lucília Maria Sousa . Sentidos de resistência no discurso jornalístico inscrito na Revista Caros Amigos. Alceu (PUCRJ), v. 9, p. 102-114, 2008.

FARIA, Daiana Oliveira; YADO, Thaís Harumi Manfré. O político discursivizado em sites de busca e blogs. In: Lucília Maria Sousa Romão; Fernanda Correa Silveira Galli. (Org.). *Rede eletrônica: sentidos e(m) movimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 101-114

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *O quadro atual da análise de discurso no Brasil*. Letras: revista do programa de pós-graduação em letras da UFSM, Santa Maria, n. 27, p.39-46, 11 dez. 2003. Semestral. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistalettras/letras27.html>>. Acesso em: 6 out. 2011.

FREGE, Gottlob. “Sobre sentido e a referência” In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix/USP, 1978, pp. 59-86.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: Diálogos & Duelos*. 1. ed. São Carlos: Claraluz Editora, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005. 96 p.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 2005.

KASTRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, A. (org.). *Tramas da Rede*: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MALDIDIER, Denise. *L'inquietude du discours*. Paris: Cendres, 1990. p.245-260.

MARANDIN, J. Problèmes d'analyse du discours. *Langages* n. 55. Paris: Didier Larousse, 1979.

MARIANI, Bethani. *O PCB e a imprensa*. Campinas: Editora da Unicamp e Editora Revan, 1998.

_____. Subjetividade e imaginário lingüístico. *Linguagem em (dis)curso*, Tubarão-SC, v. 3, n. especial, p.55-72, 2003. Quadrimestral. Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/ojs/index.php/Linguagem_Discurso/issue/view/27>. Acesso em: 30 set. 2011.

MITTMANN, Solange. O professor e as redes do dizível no ciberespaço. *Linguasagem*, v. 2, p. 12, 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02smd_sm.php>. Acesso em: 03 set. 2009.

_____. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. (Org.). *Análise do discurso no Brasil*: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 153-162.

MUSSER, J.; O'REILLY, T. et al. *Web 2.0: Principles and best practices*. Sebastopol: O'Reilly Media, Inc., 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Rua*: revista do laboratório de estudos urbanos do núcleo de desenvolvimento da criatividade, Campinas, v. 1, n. 1, p.35-48, 1 mar. 1995. Semestral. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua>>. Acesso em: 29 set. 2011.

_____. *Discurso e texto*: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. RODRIGUES, S. L. (Org.). *Introdução às ciências da linguagem*: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Análise de discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.

_____. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. *Rua: Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*, Campinas, v. 2, n. 16, p.5-17, 11 nov. 2010. Semestral. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/index.rua?acessar=16-2>>. Acesso em: 03 out. 2011.

_____. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, Michel. *Matérialités discursives. Actes du Colloque*, Avril, 1980, Paris X. Nanterre Lille: Presses universitaires de Lille, 1981.

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Caderno de estudos lingüísticos*, Campinas, n. 19, p.08-24, jul/dez. 1990. Traduzido por José Horta Nunes.

_____. Remontons de Foucault à Spinoza. Communication au Symposium de Mexico: Le discours politique: théories et analyses (nov. 1977). In: MALDIDIER, D. *L'inquietude du discours*. Paris: Cendres, 1990. p.245-260.

_____. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In GADET, F. e HAK, T. (org.). In: *Por uma análise automática do discurso: uma introdução às obras de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. (Título original: *Analyse Automatique du Discours*. Paris, 1969).

_____. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi [et al.].

_____. *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

_____.; HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso. *Linguasagem: Revista eletrônica de popularização científica em ciências da linguagem*, São Carlos, n. 03, p.01-19, out/nov. 2008. Mensal. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03>>. Acesso em: 26 maio 2011.

_____. *Análise de Discurso e Informática*. In: ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux: textos selecionados por Eni Orlandi*. Campinas: Pontes, 2011. Cap. 16, p. 275-282.

RANCIÈRE, J. *Os Nomes da História – Um Ensaio da Poética do Saber*. 1992. Trad. Eduardo Guimarães, Eni Orlandi. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPAR, Nádea Regina. *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O fora da rede (co-mando) de arquivos no Arquivo. In: *Discurso, arquivo e...* Bethania Mariani, Vanise Medeiros, Silmara Dela-Silva (org.). Rio de Janeiro: Letras, 2011

SCHONS, Carme Regina. Quem é o sujeito no espelho da gramática? *Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo, v. 5, n. 2, p.170-181, 2009. Semestral. Disponível em: <www.upf.br/seer/index.php/rd/article/download/1250/763>. Acesso em: 02 ago. 2010.

SOUZA, Renato Rocha. Sistemas de recuperação de informações e mecanismos de busca na web: panorama atual e tendências. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p.161-173, 11 maio 2006. Trimestral. Disponível em: <www.scielo.br/pci>. Acesso em: 12 out. 2011.

TRIVINHO, Eugênio. Introdução à dromocracia cibercultural. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 28, p. 63-78, dez. 2005b. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3338/2595>>. Acesso em 25 maio 2011 .

VIRILIO, Paul. O resto do tempo. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n.10, p. 57-61, jun. 1999.

ZANDWAIS, Ana. *Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso*. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

ZANIER, Andrien Marcus de Almeida. *A evolução dos mecanismos de busca on-line: a melhoria nos resultados obtidos*. 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Faculdade de Economia e Finanças, Ibmec, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <www.ibmecrj.br/sub/RJ/files/Dissert_Andrian_Zanier.pdf>. Acesso em: 12 out. 2011.

CRÉDITO DAS IMAGENS

Todas as obras que compuseram a abertura de cada capítulo e a capa deste trabalho são de autoria de Beatriz Milhazes. Ao todo são 6 obras extraídas do sítio <<http://www.jamescohan.com/artists/beatriz-milhazes#>>, com acesso em 20 de junho de 2012.

ANEXO

ANEXO 1

[Google](#) pesquisa na web

[Fazer login](#)

Fórum de Ajuda

[Artigos da ajuda](#) [Fórum de Ajuda](#) [Fórum de Ajuda](#) [Postar uma pergunta](#)

[Fórum de Ajuda](#) > [Pesquisa na Web](#) > [Fórum Geral](#) > Como faço para achar a roda mágica no novo layout do google?

Como faço para achar a roda mágica no novo layout do google? [Denunciar abuso](#)

[Gabriel Lima Firmig](#) Nível 1 25/07/11

Estou tentando acionar a opção da roda mágica no google mas não acho aonde eu posso ativar a mesma.

Melhores respostas

[Alan M. de Azevedo](#) Principal contributor Google Gears 25/07/11

Resposta popular [Acessar esta resposta](#)

Olá Gabriel...

A Roda Mágica não está mais disponível no novo layout... !=)

Você a usava com frequência?

Abraços!

8 de 10 pessoas acharam esta resposta útil. Você achou? [Faça login para votar](#), [Denunciar abuso](#)

Respostas 1 - 3 de 3

[Alan M. de Azevedo](#) Principal contributor Google Gears 25/07/11

Resposta popular

Olá Gabriel...

A Roda Mágica não está mais disponível no novo layout... !=)

Você a usava com frequência?

Abraços!

8 de 10 pessoas acharam esta resposta útil. Você achou? [Faça login para votar](#), [Denunciar abuso](#)

[Catherine Bartoli](#) Nível 1 05/08/11

la postar a mesma pergunta do Gabriel. Uso com frequência essa ferramenta. Por quê tiraram ela do ar? É tão útil para que trabalha com search marketing. Obrigada

2 de 2 pessoas acharam esta resposta útil. Você achou? [Faça login para votar](#), [Denunciar abuso](#)

[Jessika Pereira](#) Nível 1 10/08/11

Há alguma outra forma para torná-la disponível?

1 de 1 pessoas acharam esta resposta útil. Você achou? [Faça login para votar](#), [Denunciar abuso](#)

Postar resposta

[Faça login](#) para responder a esta pergunta.

Inscrição

[Receber alertas de e-mail quando novas respostas forem postadas](#)

Inscriva-se no [feed desta discussão](#)

Ir para:

[Pesquisa na Web](#) - [Ajuda com outros produtos do Google](#) - [Guia de Primeiros Passos](#)

© 2011 Google - [Política de Privacidade](#) - [Termos de Serviço](#)